

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Letícia Martins Steluti

O crescimento econômico da China e sua inserção nas relações econômicas internacionais: de  
1978 a 2012.

Dourados  
Abril – 2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Letícia Martins Steluti

O crescimento econômico da China e sua inserção nas relações econômicas internacionais: de 1978 a 2012.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação do Prof. Hermes Moreira Júnior.

Dourados  
Abril – 2016

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).**

S824c Steluti, Leticia Martins

O crescimento econômico da China e sua inserção nas relações econômicas internacionais: de 1978 a 2012. / Leticia Martins Steluti -- Dourados: UFGD, 2016.

55f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Hermes Moreira Júnior

TCC (graduação em Relações Internacionais) - Faculdade de Direito e Relações Internacionais, Universidade Federal da Grande Dourados.

Inclui bibliografia

1. China. 2. Reformas econômicas. 3. Deng Xiaoping. 4. Crescimento econômico. 5. Relações econômicas internacionais. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS



### ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao décimo nono dia do mês de abril de 2016, compareceu para defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, a aluna **LETÍCIA MARTINS STELUTI**, tendo como título O CRESCIMENTO ECONÔMICO DA CHINA E SUA INSERÇÃO NAS RELAÇÕES ECONÔMICAS INTERNACIONAIS.

Constituíram a Banca Examinadora os professores Dr. Hermes Moreira Junior (orientador), Dr. Márcio Augusto Scherma (examinador) e Dr. Rafael Gonçalves Gumiero (examinador).

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, o trabalho foi considerado Aprovado.

Por nada mais terem a declarar, assinam a presente Ata.

Observações: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Assinaturas:

  
**Dr. Hermes Moreira Junior**  
Orientador

  
**Dr. Márcio Augusto Scherma**  
Examinadora

  
**Dr. Rafael Gonçalves Gumiero**  
Examinador

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida. Por ter me proporcionado muitos momentos de felicidade durante todo esse tempo de graduação e por tudo que, graças à Ele, fui e sou capaz de realizar.

Um obrigada mais que especial à minha família, meu bem maior, minha base. Agradeço imensamente aos meus pais, Valter Milton Steluti e Maria Aparecida Martins Steluti, por serem as pessoas mais importantes da minha vida e sempre me incentivarem a estudar, fazendo o possível e o impossível para que eu tivesse uma boa educação e chegasse onde cheguei. Pelo apoio que sempre me deram em minhas escolhas e por terem me dado todo o suporte que precisei para, como meu pai sempre me diz, me dar a maior herança que eles poderão dar: um diploma. Agradeço também à minha irmã Beatriz, minha amiga e companheira para todas as horas, por todas as brigas, todos os “*volta pra Dourados, você não mora mais aqui!*” e pelos momentos de carinho que senti falta durante este tempo longe de casa.

Agradeço também aos meus familiares: avós, tias, tios, primas e primos que sempre estiveram comigo durante essa caminhada e que pude ter a companhia para compartilhar os melhores momentos, desde o resultado do vestibular até a formatura.

Agradeço a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, fizeram parte da minha vida aqui em Dourados durante esses quatro anos de faculdade, especialmente Thays de Mello Moraes, Sthefany Miyeko Nishikawa, Juliano Leite Gatti, Jessica Alvarenga Sgub, Gabriela Bispo e Lígia Morais Borges, os “Suruagys”, que estiveram comigo todo esse tempo sendo minha família douradense.

Agradeço também à Renata Ruiz, minha “miga”, minha gêmea de outra cor e de outros pais, companheira de empresa júnior e de *kickboxing*, que foi uma ótima parceira de trabalho, de luta e amiga, que gosta de conversar tanto quanto eu, sendo uma ótima companhia para papear, jogar conversa fora, e também discutir sobre a sociedade e sobre o futuro, e por ter aguentado minhas lamentações durante o desespero do TCC.

E por fim, um obrigada especial ao meu orientador, Hermes Moreira Júnior, que tornou possível a elaboração deste trabalho, me dando todo o auxílio necessário para que eu pudesse concluir com êxito minha graduação.

**Resumo:** o objetivo deste trabalho é analisar as mudanças ocorridas na República Popular da China (RPC), principalmente na economia, após o processo de modernização e Reformas Econômicas de 1978 estabelecidos por Deng Xiaoping. A hipótese é a de que o país se inseriu nas relações econômicas internacionais por meio de uma reestruturação interna que abriu sua economia ao mercado externo e permitiu a importação e exportação de produtos primários e manufaturados. Procurará, a partir da análise de informações históricas e dados, mostrar como a China cresceu economicamente diminuindo a dependência do campo e aumentando a importância da indústria.

**Palavras-chave:** China; Reformas Econômicas; Deng Xiaoping; crescimento econômico; relações econômicas internacionais.

**Abstract:** this study aims to analyze the changes in People's Republic of China (PRC), especially in the economy, after the modernization process and Economic Reforms of 1978 established by Deng Xiaoping. The hypothesis is that the country has entered into international economic relations through an internal restructuring which opened its economy to foreign markets and allowed the import and export of primary products and manufactured goods. From the analysis of historical information and data, the study will seek to show how China has grown economically reducing the agricultural dependence and increasing the industry importance.

**Key-words:** China; Economic Reforms; Deng Xiaoping; economic growth; international economic relations.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – DO PROJETO COMUNISTA AO CAPITALISMO DE ESTADO: A CHINA EM SEU PROCESSO DE REFORMAS ECONÔMICAS E MODERNIZAÇÃO.....	12
1.1. Reformas Econômicas de 1978.....	14
1.2. O modelo asiático de desenvolvimento.....	18
CAPÍTULO 2 – A “ASCENSÃO PACÍFICA” DA CHINA, SUAS MODERNIZAÇÕES E CRESCIMENTO INDUSTRIAL.....	22
2.1. Período de transformação.....	25
2.2. De quintal econômico à potência industrial.....	28
CAPÍTULO 3 – A CHINA NA ECONOMIA GLOBAL.....	33
3.1. A entrada da China na Organização Mundial do Comércio.....	33
3.2. Relações comerciais chinesas a partir do século XXI.....	34
3.2.1. Relações comerciais com a América Latina.....	35
3.2.2. Relações Comerciais com a África Subsaariana.....	40
3.3. Setores competitivos da economia chinesa.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53
TABELAS	
Tabela 1 – 20	
Tabela 2 – Taxa de crescimento – Regiões e países selecionados (em %) - 1991 a 1999 .. ....	23
Tabela 3 – Exportações da China segundo intensidade tecnológica – 1985 – 2005 (em %) ....	24
Tabela 4 – Empresas Chinesas de marca global .....	30/31
Tabela 5 – Principais produtos exportados para a China em 2011 .....	38

Tabela 6 – Principais produtos importados da China pelo Brasil em 2011 .....	39
Tabela 7 – Pauta de importação da China oriunda da África – 2001 – 2009 (em %) .....	45
Tabela 8 – Major export products as share of China’s total exports, by value (%) 1997 e 2009 .....	49
Tabela 9 – Exportações chinesas em milhões de dólares – 2008, 2010 e 2012 .....	50

## GRÁFICOS

Gráfico 1 – Taxa de crescimento da China (em %) – 1991 a 1999.....	23
Gráfico 2 – China’s top trade partners in 2010 (\$ billion) .....	35
Gráfico 3 – Exportações para China (em milhões de dólares) – Argentina, Costa Rica e México .....	37
Gráfico 4 – Exportações para China (em milhões de dólares) – Bolívia, Peru, Equador e Colômbia .....	37
Gráfico 5 – Exportações para China (em milhões de dólares) – Paraguai, Uruguai e Panamá .....	37
Gráfico 6 – Exportações para China (em milhões de dólares) – Chile, Brasil e Venezuela .....	37
Gráfico 7 – Exportações brasileiras para a china, em % - 2000 a 2011 .....	38
Gráfico 8 – Principais fornecedores e compradores do Brasil de 2002 a 2012 .....	40
Gráfico 9 – Fluxos de investimentos chineses na África (em U\$\$ milhões correntes) – 2003 – 2009 .....	41
Gráfico 10 - GDP growth, unweighted anual average, % - African and Asian countries .....	43
Gráfico 11 – PIB da região da África Subsaariana, em % - 2000 – 2009 .....	42
Gráfico 12 – Importação da África Subsaariana proveniente da China/ Exportação da África Subsaariana para a China – 2002 – 2009 .....	43
Gráfico 13 – Evolução das importações provenientes da África para países selecionados – 2000 – 2008 (em U\$\$ milhões correntes) .....	44

Gráfico 14 – Evolução das exportações para a África de países selecionados – 2000 – 2008 (em U\$\$ milhões correntes) .....	45
Gráfico 15 – China: composição setorial do PIB entre 1978 e 2008 (% do PIB) .....	46
Gráfico 16 – China: exportações e importações (em U\$\$ milhões) – 1977 – 2006 .....	48
Gráfico 17 - Exportações chinesas de setores da indústria selecionados – 2011 .....	49

## INTRODUÇÃO

Diante do grande destaque da China na economia mundial surgiu a pergunta: “como o país foi capaz de crescer economicamente de forma rápida e com números tão significativos em um curto período de tempo?” E, a fim de analisar e entender como isso foi possível que se iniciou esta pesquisa.

O presente trabalho irá apresentar como a economia da China se modificou e cresceu desde 1978, a partir das Reformas econômicas e do processo de modernização da economia instituídos por Deng Xiaoping, líder chinês que assumiu o controle do país após a morte de Mao Tsé-Tung, e que tornou capaz a inserção da China na economia mundial e a transformação do país em potência econômica.

O tema se torna relevante para as Relações Internacionais pois mostra como a China, um país antes de economia basicamente agrícola e de mercado fechado, se tornou em pouco tempo potência econômica mundial sendo capaz de competir e disputar espaço no mercado com os Estados Unidos; e como a internacionalização de sua economia foi fator importante para o crescimento e competitividade do país.

O trabalho está dividido em três capítulos. O capítulo I, intitulado “Do projeto comunista ao capitalismo de estado: a China em seu processo de reformas econômicas e abertura comercial”, aborda sobre o governo e o comunismo de Mao Tsé-Tung, anterior a Deng Xiaoping, e como as ações comandadas pelo então líder foram importantes para rumar as mudanças feitas por Deng; o processo de Reformas Econômicas ocorridas em 1978 e como essas mudanças foram importantes para o crescimento e ascensão econômica da China; e sobre o modelo asiático de desenvolvimento, iniciado no Japão com o fim da Segunda Guerra Mundial e que serviu de modelo para o desenvolvimento acelerado chinês, criando o “modelo chinês de desenvolvimento”.

O capítulo II – “A “ascensão pacífica” da China, suas modernizações e crescimento industrial” – explica o termo “ascensão pacífica” e como a China o emprega; detalha o processo de modernização e transformação interna da China apresentando as quatro modernizações propostas e aplicadas por Deng e os objetivos e ações para a continuidade do crescimento do país; e como a China passou a ser um país influente na economia mundial, tanto por seu mercado interno quanto pela exportação de seus produtos.

E por fim o capítulo III – “A China na economia global” – que mostra como a entrada da China na Organização Mundial do Comércio foi importante para intensificar sua participação no comércio internacional; a importância das relações comerciais chinesas com outros países e regiões, em especial América Latina e África; e como a participação dos setores da economia do país mudaram em importância ao longo do tempo destacando os produtos e exportações do setor secundário. Foi dado foco nas relações econômicas com América Latina e África pois são regiões em desenvolvimento, assim como a China, e que se tornaram importantes parceiros comerciais chineses com o estreitamento da Cooperação Sul-Sul a partir do século XXI.

## Capítulo 1

### **DO PROJETO COMUNISTA AO CAPITALISMO DE ESTADO: A CHINA EM SEU PROCESSO DE REFORMAS ECONÔMICAS E ABERTURA COMERCIAL**

Inicialmente governada por dinastias, a China de hoje nada se assemelha à China dos primórdios. Até o ano 1911 o país permaneceu como dinastia (dinastia Manchu), e em 1912 com a Revolução Chinesa tal dinastia foi derrubada proclamando-se a República da China. O país permaneceu assim até 1949 quando comandada por Mao Tsé-Tung, aconteceu a proclamação da República Popular da China (RPC) que, com este novo líder, adotou o comunismo como forma de governo.

A proclamação da RPC se deu juntamente com a Revolução de 1949, que liderada por Mao Tsé Tung teve suas origens em 1915 quando a China foi dominada politicamente pelo Japão gerando grande insatisfação no povo chinês. Devido a isso, em 1921, uma mobilização política foi organizada e foi criado o Partido Comunista Chinês (PCC). Por ter forte apelo popular, o Partido passou a ser visto como ameaça política e os líderes do partido passaram a ser perseguidos pelas autoridades locais.

Também impedidos de participarem de questões políticas os então comunistas chineses começaram a mobilizar os cidadãos camponeses, prometendo o uso coletivo da terra e a criação de um sistema político igualitário. Com o apoio destes indivíduos criou-se o Exército Vermelho que lutou contra o governo chinês até os anos 1940, quando em 1949 após dominarem Pequim, Mao Tsé-Tung foi proclamado o novo líder da RPC.

Oded Shenkar (2010) divide o comunismo chinês em três períodos. O primeiro, entre 1949 e 1955-56, foi de reconstrução e transição. “Altos funcionários com conhecimentos especializados em finanças e logística, remanescentes da era republicana, foram mantidos em suas posições na nova era (...) tudo em nome da manutenção de um determinado grau de continuidade.”.

O segundo período, de 1955-56 a 1958-59, “foi uma réplica do rígido modelo soviético, acompanhado pela importação de tecnologia e “pensamento” soviéticos, e consolidado principalmente pelo treinamento e estudo de incontáveis chineses (alguns dos quais ainda fazem parte da atual liderança) na União Soviética.”.

E o terceiro período foi de 1958 até o ano de 1960. Chamado inicialmente de “Grande Salto para a Frente” mais tarde passou a ser chamado pelos próprios chineses de “Grande Salto para Trás”. Isto porque foi marcado por desastrosas consequências advindas da exigência de que toda a produção do país deveria vir do campo, o que resultou em desastres incluindo a fome em massa causando a morte de milhões de chineses.

O insucesso do plano de 1958 deixou grande parte da população insatisfeita, incluindo pessoas de dentro do próprio PCC, que decepcionados com o resultado desastroso do “Grande salto para a frente” decidiram afastar Mao da administração política do partido, o qual passou a ser administrado por Liu Shaoqi e Deng Xiaoping, que após o fracasso resolveram adotar um plano mais realista para resgatar a economia do país. Porém, Mao não se viu satisfeito com o afastamento e retornou ao poder em 1966 liderando novamente uma revolução, desta vez a Revolução Cultural de 1966. Mao alegava que o país, agora com a administração de Liu Shaoqi e Deng Xiaoping, possuía “ideias burguesas” e “mentalidade capitalista”, para ele, o comunismo chinês estava tomando rumos opostos ao que almejava quando fundou o PCC e proclamou a RPC, e foi a partir disso que o líder iniciou a Revolução Cultural.

Para combater tais ideais e implantar a ideologia proletária, o líder lançou sua guarda vermelha – unidades paramilitares formadas por jovens estudantes apoiadores de Mao – contra intelectuais e funcionários experientes, objetivando mobilizar toda a população pensante e intelectual da China e também seus adversários políticos.

Milhares de professores e pesquisadores foram perseguidos e mortos, dissolvendo-se assim o sistema educacional do país. Além de perseguidos, professores, intelectuais e artistas eram mandados ao campo para serem “reeducados” pelo trabalho manual. Não só professores, mas trabalhadores e oponentes políticos de Mao foram mortos, livros considerados “proibidos” foram queimados e confiscados, e templos religiosos foram destruídos. O medo tomou conta da China e assim como no período anterior o caos tomou conta do país ocasionando a morte de milhares de pessoas.

A Revolução se estendeu até o ano de 1976 tendo fim em 09 de setembro com a morte do líder Mao Tsé-Tung em Pequim. Com sua morte Deng Xiaoping subiu ao poder trazendo consigo a ideia de um sistema capitalista, mas de filosofia comunista, surgindo o nome “socialismo de mercado” (MARCHIONATTI, 2013). O sistema se dizia socialista, mas continha “elementos e instrumentos típicos do capitalismo como impostos, taxas de juros e preços variáveis, parte dos quais já se encontrava liberalizada.”. (MEZZETTI, 2000). Este novo

sistema não foi facilmente aceito por toda a China, já que em boa parte do país o pensamento da Revolução Cultural ainda predominava, porém, Deng seguiu liderando uma progressiva reconstrução do socialismo Chinês, que segundo ele deveria se adaptar às características chinesas.

Deng fazia parte do Partido Comunista desde 1920 e em 1969 durante a Revolução Cultural foi enviado ao campo, assim como milhares de opositores, por se opor a Mao. Quando voltou de sua reclusão em 1975, Deng continuou defendendo a ideia de que a revolução comunista da China havia chegado ao extremo e a convite de Zhou Enlai, primeiro ministro do governo Mao, retomou suas funções no Partido Comunista exercendo o cargo de vice Primeiro ministro. E foi então, após a morte de Mao (1976) que Deng assumiu o cargo de líder chinês.

As Reformas de Deng foram muito importantes para se pensar a China Contemporânea. As ações do líder chinês revitalizaram a economia do país iniciando a partir daquele momento o crescimento econômico da China que se destaca até os dias de hoje. O grande resultado do crescimento chinês foi a elevação do PIB, que entre 1978 e 2008 manteve uma média de 10% ao ano. E claro, as reformas foram importantes para estimular a atividade econômica, tanto em nível individual como familiar.

### **1.1. Reformas econômicas de 1978**

Com Deng Xiaoping no poder da RPC os rumos da política chinesa passaram a ser outros. Como dito, o novo líder adotou um sistema capitalista mas com filosofia comunista chamado de “socialismo de mercado”. Como posto por Marchionatti (2013) “para mudar a China, Deng se apoia na proposta das Quatro Modernizações, criada ainda em 1963 pelo primeiro ministro e seu protetor, Zhou Enlai. O plano incluía o desenvolvimento tecnológico e científico, aumento da produção agrícola, crescimento industrial e defesa nacional (...)”. O desejo de mudança do novo líder iniciou-se de fato em 1978.

O ano de 1978 tem grande importância e é extremamente relevante para explicar a atual situação econômica da China. Os acontecimentos da época foram fatores determinantes para a mudança da economia chinesa, e para que o país ocupasse o lugar de destaque que hoje ocupa no cenário internacional.

Em outubro de 1978 a China iniciou seu período de reformas econômicas lançadas por Deng Xiaoping, seguindo um rumo cauteloso para atingir os objetivos sem esquecer-se de

manter a estabilidade. Com pensamentos mais realistas e determinado a recuperar a economia do país o líder iniciou as reformas pelo setor agropecuário, o qual apresentou mudanças antes mesmo da reforma, quando logo após o fim da Revolução Cultural os camponeses começaram a aumentar sua produção por conta própria – no governo de Mao as comunas funcionavam por sistemas de quotas: os grupos produziam quantidades determinadas pelo governo e caso produzissem acima do indicado este excedente seria passado ao Estado, não havendo vantagem para o produtor pois não poderia lucrar com os produtos remanescentes. Assim, não eram incentivados a produzirem mais que o proposto a eles – este movimento independente dos camponeses teve sucesso e o governo de Deng não só permitiu o aumento da produção como tornou isto oficial: as terras foram restituídas aos camponeses que passaram a produzir mais e a lucrar com o excedente de produção, o que se tornou um incentivo à agricultura chinesa.

Em relação ao setor industrial o governo chinês adotou uma política seletiva e focada a atingir os setores estratégicos – como o de alta tecnologia – e passou a dedicar esforços também para a indústria leve, que no governo Mao era direcionado à indústria pesada; também focou em abrir o mercado para importação e exportação de modo a buscar novos mercados, incluindo os vizinhos asiáticos, e estabelecer laços com o exterior.

A partir da identificação dos problemas que atingiam a economia e a indústria do país e depois de traçarem os novos rumos e estratégias a serem seguidos era hora de colocar em prática todo o planejado que, para isso, precisaria da intervenção do Estado. Este interviria sobre os negócios das indústrias consideradas estratégicas, assim como iria combinar a condução destas com o próprio planejamento interno de desenvolvimento nacional, como as políticas de comércio exterior, de atração de investimento estrangeiro, cambial e tecnológica. (MASIERO E COELHO, 2014).

Neste processo de industrialização, modernização e crescimento econômico o Conselho de Estado chinês selecionou os setores que considerava estratégicos e de grande importância, segundo Nolan *apud* Masiero e Coelho (2014), sendo alguns deles: o setor de geração de eletricidade, mineração de carvão, automobilístico, eletrônico, siderúrgico, produção de máquinas, químico, construção, transporte, setor aeroespacial e farmacêutico. Porém, se, de um lado existiam as indústrias que poderiam alavancar a economia e foram incentivadas a produzir, do outro existiam as que deveriam ter sua produção desestimulada, como as de bens e máquinas de baixa qualidade, bens de consumo duráveis de alto consumo elétrico, bens de luxo, bem como a eliminação da exportação de bens escassos no mercado interno. (MASIERO E COELHO, 2014).

Todo esse processo de mudanças, reestruturação e incentivos por parte do Estado destacam a preocupação em criar e fortalecer primeiro as bases dos setores prioritários para em seguida expandi-los e incrementá-los tecnologicamente.

As políticas industriais da China e o crescimento deste setor merecem imenso destaque, pois tiveram e tem papel fundamental para sua inclusão nas relações internacionais e para o crescimento da economia do país. Sobre a crescente economia cabe destacar o crescimento do seu Produto Interno Bruto (PIB) que manteve durante 30 anos (de 1978 até 2008) uma taxa média de crescimento de 9,5 ao ano (a.a) segundo Lyrio (2010), mantendo durante a década de 1990 um crescimento médio de 10,5% a.a. (CORSI, 2009). O crescimento do PIB chinês também pode ser destacado quando comparamos a participação deste no PIB mundial que, de acordo com Pires (2008) *apud* Pires (2009) em 1978 não alcançava 5% de participação passando para 15% no ano de 2003.

Ainda sobre a importância da indústria para o crescimento do PIB chinês, Masiero e Coelho (2014) destacam a importante participação do setor na promoção do crescimento do país:

(...)durante o período 1990-2009, revela que a agricultura historicamente reduz a sua participação, ao passo que os serviços aumentam seu peso e a indústria se mantém alta e preponderante. Entre 1990 e 2009, a China atingiu uma média de 46% de participação da indústria em seu PIB, enquanto a média mundial para o mesmo período foi de 29% (World Bank, 2011).

Sobre o desenvolvimento tecnológico e científico, como dito anteriormente, foi necessário criar as bases para depois impulsionar os setores industriais com tecnologias. E assim foi feito. Através da importação de bens de capital e do recebimento de investimentos diretos estrangeiros, posteriormente direcionando os setores à inserção comercial internacional, como aponta Masiero e Coelho (2014), pôde-se notar o grande salto das exportações de bens manufaturados e a diminuição da exportação de bens primários a partir de 2001. Neste período, conforme aponta Lin (2001) *apud* Masiero e Coelho (2014) além de uma maior liberalização receptiva de investimento estrangeiro para áreas de interesse do Estado, vários programas de desenvolvimento tecnológico, estabelecidos nos anos 1980, começaram a dar resultados.

O progresso tecnológico chinês baseia-se mais na incorporação e aperfeiçoamento de tecnologias importadas do que na inovação e criação. Segundo Shenkar (2005), a China de Deng determinou-se a buscar maneiras de adaptar “tecnologias estrangeiras sem valores estrangeiros”, já que estes, principalmente os Estados Unidos da América (EUA), eram superiores neste quesito. A partir disso o investimento estrangeiro passou a ter papel

fundamental na transferência de tecnologia e o país aprovou uma lei sobre *joint ventures* (lei que dava prioridade e incentivos especiais ao investimento estrangeiro em alta tecnologia, desde que tivesse a participação de um sócio chinês) assim, desde o início das Reformas a China passou a caracterizar-se mais pelo aperfeiçoamento que pela inovação e, mesmo com o grande investimento do país em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), cerca de US\$ 136 bilhões em 2006 segundo pesquisa da OCDE apontada por Lyrio (2010), o aperfeiçoamento tecnológico ainda é maior.

Um dos principais fatores que contribuiu para que a China de Deng Xiaoping não se apoiasse em um modelo de “perfeita autossuficiência tecnológica e produtiva” e levou o líder a incorporar e difundir a tecnologia importada em seu país foi o atraso científico e tecnológico que atingiu a China durante a Revolução Cultural (1966-76), como dito no início do capítulo, neste período o país passou por uma intensa repressão educacional com fechamento de escolas e universidades e perseguição e morte de milhares de professores. Diante disso e dos modelos de autossuficiência que não deram certo no governo de Mao, Deng impôs como uma das bases da Reforma o desenvolvimento e valorização educacional e científico do país, assim como a expansão do uso e aperfeiçoamento da tecnologia estrangeira e não somente a detenção exclusiva da produção e controle de tecnologia nacional.

É claro que a China não deixou de produzir e inovar em tecnologia após o século XVII, mas, como escreve Kroeber (2007) *apud* Lyrio (2010), a China tem tido como princípio básico “importar tecnologia de forma barata (...), e então produzi-la pelo menor custo possível para o maior número possível de pessoas”. O governo, assim como na indústria, intervém e incentiva o setor tecnológico-científico com financiamentos, incentivos fiscais, créditos bancários a baixíssimo custo, entre outros, além de apoiar a instalação de parques tecnológicos nas grandes cidades chinesas.

É fato que a China busca cada vez mais aumentar seu conteúdo tecnológico, e não apenas tecnologia de produção, mas também tecnologia de uso pessoal, como é o caso dos eletrônicos e eletrodomésticos. Este mercado está em expansão no país, que inclusive está produzindo marcas próprias.

Todo esse processo de reforma, industrialização e modernização permitiu que o país abrisse suas portas não só aos investimentos estrangeiros, mas ao comércio exterior, inserindo a China nas relações internacionais. O país passou a estabelecer relações comerciais de compra e venda com países de todo o mundo, como veremos nos próximos capítulos.

Todos estes resultados positivos são consequência de uma cautelosa estratégia de modernização e da eficácia dos planos para reforma econômica e política do país que mudou completamente de rumo após a morte de Mao Tsé-tung e emergiu nas mãos de Deng Xiaoping, o qual adotou estratégias capitalistas em um país socialista governado pelo comunismo.

## **1.2. O modelo asiático de desenvolvimento**

Diante de toda a mudança ocorrida na China desde 1978, pode-se considerar que há um “modelo chinês” de desenvolvimento, como posto por Spektor e Nedal (2010), que é único e intransferível incapaz de ser aplicado integralmente em outro país em desenvolvimento pois possui suas peculiaridades. Segundo os autores, há duas dimensões principais nesse modelo chinês: “o processo gerencial de reengajamento na economia global e a manutenção do controle ou propriedade estatal de setores-chave da economia” e “um liberalismo econômico politicamente não liberal”, justificado pelo fato de a “liberalização econômica não ter sido acompanhada por uma liberalização política ou movimento em direção a um sistema democrático competitivo”.

Apesar de único, o modelo chinês muito se assemelha com o modelo de desenvolvimento de outros países asiáticos como o Japão e os chamados “Tigres Asiáticos” (Hong Kong, Taiwan, Cingapura e Coréia do Sul), tal semelhança entre todos estes países da Ásia gerou um “modelo asiático de desenvolvimento”, iniciado no final da Segunda Guerra Mundial com o Japão.

Breslin (2010) afirma que as reformas chinesas pós-1978 foram de alguma forma baseadas no sucesso das outras nações em desenvolvimento na Ásia, sendo o crescimento econômico ditatorial semelhante com as demais.

O processo de desenvolvimento acelerado e eficaz presente na Ásia teve início com o Japão que, no final do século XIX foi capaz de se afirmar como potência industrial se destacando dos demais países da região. Mesmo com a derrota na Segunda Guerra Mundial o país reorganizou sua estratégia sem esquecer-se do passado bem-sucedido.

O modelo iniciado com o país é considerado o “modelo asiático de desenvolvimento”, pois serviu de base e inspiração para o planejamento do desenvolvimento dos Tigres Asiáticos e mais recentemente para a China. A experiência japonesa se iniciou em 1868 com a Restauração Meiji, quando o Japão adotou uma estratégia nacional de industrialização e em

trinta anos conseguiu passar de um país fechado à potência militar. O principal projeto daqueles que instituíram a Restauração Meiji era impedir que o Japão se tornasse uma colônia estrangeira, para isso “era condição necessária dotar o país não só de um exército nacional e de instituições modernas, mas também de uma indústria capaz de, sob controle de capitais nacionais, garantir o fornecimento dos meios necessários ao enfrentamento tanto dos exércitos ocidentais quanto dos países vizinhos.”. (TORRES FILHO, 1999).

No ano de 1905 o Japão se consolidou como potência mundial depois de derrotar os russos na Guerra Russo-Japonesa (guerra entre Japão e Rússia pela disputa de certos territórios da Coreia e da Manchúria – 1904-1905) porém, na década seguinte o país passou por uma crise após a fragilização de seu sistema financeiro voltando a se reerguer somente na Primeira Guerra Mundial. Com a Guerra, as empresas de manufatura da Europa ficaram impedidas de abastecer os mercados asiáticos, assim fornecedores japoneses substituíram os europeus e ao final da Guerra o Japão havia acumulado reservas internacionais suficientes para torna-lo um dos credores líquidos do mundo.

Pires (2010) aponta as bases do desenvolvimento japonês como sendo a forte concentração de renda e elevadas taxas de formação de capital, absorção de tecnologia estrangeira, a criação de um forte parque industrial interno, a formação de grandes grupos econômicos apoiados pelo Estado e políticas comerciais protecionistas.

Após a derrota do Japão na segunda Guerra mundial, o Estado teve papel fundamental para a reconstrução japonesa na época que, juntamente com o Ministério de Indústria e Comércio Exterior (MITI) apoiou institucionalmente os setores econômicos considerados estratégicos para o desenvolvimento do país. O MITI foi responsável por arquitetar a política industrial japonesa obtendo grande sucesso ao reforçar a base industrial do país e ao executar uma estratégia bem-sucedida de comércio exterior que, permitiu a conquista de novos mercados e cooperou para que as indústrias japonesas produzissem mais e se tornassem mais qualificadas.

Além das bases citadas acima e do papel essencial do Estado, outro fator que contribuiu para o rápido crescimento econômico japonês foi a excessiva oferta de mão de obra barata que juntamente com as altas taxas de poupança das famílias, contribuiu para uma elevada formação de capital público e privado, chegando a 33% do PIB em meados de 1948. Já em meados de 1960 o país pôde neutralizar a quantidade de mão de obra excedente e então se iniciou um processo de elevação dos salários, o que possibilitou o aumento da renda per capita do país e também a expansão do mercado interno, com isso algumas atividades chamadas por Pires

(2010) de *trabalho-intensivas* foram deslocadas para os países da região que ainda mantinham mão de obra barata como a Coreia do Sul, Taiwan, Hong Kong, entre outros. A partir do exemplo japonês os demais países em desenvolvimento na Ásia puderam traçar também o seu desenvolvimento econômico se baseando nas políticas aplicadas no Japão.

Em relação à China, ao comparar seu crescimento econômico com o do Japão e levar em consideração que se espelhou neste e no “modelo asiático de desenvolvimento”, pode-se listar alguns aspectos que claramente se assemelharam entre as potências asiáticas, citados por Boltho e Weber (2009) *apud* Pires (2010): a) a intervenção estatal – tanto no Japão como na Coreia do Sul e também na China o Estado foi responsável por viabilizar e incentivar o crescimento econômico transformando-as em economias de mercado; b) grandes grupos industriais na liderança do processo de desenvolvimento – assemelhando-se ao que ocorreu no Japão e Coreia do Sul; c) mão de obra barata; d) o importante papel do comércio exterior (abertura comercial) – similar ao ocorrido no Japão, Taiwan e Coreia do Sul; e) grande taxa de investimento no país – os baixos salários, as altas poupanças familiares e o câmbio desvalorizado contribuíram para a formação de grande capital público e privado e; f) a estratégia de industrialização centrada dos setores de ciência e tecnologia.

Como dito, apesar da grande semelhança as singularidades chinesas não podem deixar de serem mencionadas, começando pela população, que em 1978 era de cerca de 956 milhões de habitantes, sendo atualmente cerca de 1,37 bilhão (tabela 1); um Estado nacional defensor de sua soberania; um sistema político com predominância do Partido Comunista Chinês, assim como uma economia de mercado (mas com forte controle do Estado) e sua eficaz estratégia de inserção na economia global.

Tabela 1

Ano		População	PIB (USD)	Renda <i>per capita</i> (USD)	Taxa de crescimento (%)
1978	China	956,2 mi	148,2 bi	154,97	11,88
	Japão	114,9 mi	996,7 bi	8.675,01	5,27
	Coreia do Sul	36,97 mi	54,27 bi	1.468,08	*
1990	China	1,135 bi	356,9 bi	314,43	3,93
	Japão	123,5 mi	3,104 tri	25.123,63	5,57
	Coreia do Sul	42,87 mi	284,8 bi	6.642,45	*
2008	China	1,325 bi	4,522 tri		9,62
	Japão	127,7 mi	4,849 tri	37.972,06	-1,04
	Coreia do Sul	48,95 mi	1,002 tri	20.474,83	*

Fontes incluem: [Banco Mundial](#) , [United States Census Bureau](#).

Ainda que com todas estas semelhanças ao modelo asiático e também todas suas peculiaridades a China ultrapassou o sucesso dos vizinhos asiáticos e assumiu um papel de maior destaque tanto regional quanto mundialmente. É evidente que o modelo de desenvolvimento asiático baseado na forte intervenção estatal e aperfeiçoamento de tecnologia estrangeira trouxe grande impacto na ordem mundial, pois os países que o adotaram (Japão, Tigres Asiáticos e China como já citado) passaram a oferecer condições ao capital com seus incentivos governamentais, mão de obra qualificada e barata, diminuição de impostos, dentre outros. Fatores estes que facilitaram e incentivaram as indústrias estrangeiras a instalarem suas fábricas nestes países. O modelo ganhou mais destaque principalmente depois de adotado e adaptado pela China que claramente impactou a região asiática e o mundo passando a ter grande influência no processo de determinação de preço dos produtos, gerando disputa pelos investimentos estrangeiros e, a partir de 2001, com sua entrada na OMC (como veremos no capítulo III) se tornando uma grande aposta mundial para ser a nova maior potência econômica, ultrapassando os Estados Unidos.

O capítulo a seguir abordará a ascensão pacífica chinesa; o processo de modernização de setores estratégicos para o país, detalhando as “quatro modernizações”; e o crescimento e modernização de suas indústrias e a importância destas para o crescimento econômico do país.

## Capítulo 2

### A “ASCENSÃO PACÍFICA” DA CHINA, SUAS MODERNIZAÇÕES E CRESCIMENTO INDUSTRIAL

A expressão “ascensão pacífica” se originou da estratégia nacional de desenvolvimento chinês que visava/visa desenvolver e modernizar o país sem abalar as estruturas da ordem mundial, ou seja, de forma pacífica. Este termo foi lançado por Zheng Bijian em 2003, na época vice-presidente do *Central Committee’s Central Party School*.

Apesar do uso do termo ter iniciado apenas nos anos 2000, o princípio de geração de desenvolvimento com manutenção da paz na ordem internacional faz parte da política externa chinesa desde o início das Reformas Econômicas em 1978, quando o país já enfatizava que visava criar um ambiente internacional pacífico e duradouro para poder se desenvolver internamente.

Apesar de pregar e tentar praticar a paz, um episódio marcante para o país fez com que o governo rompesse sua diretriz diplomática de paz e fizesse uso da força. Foi o Massacre da Praça da Paz Celestial em 1989: um protesto feito por estudantes chineses reivindicando maior liberdade política e que foi contido pelo governo chinês com uso de violência, matando um grande número de pessoas. O acontecimento não gerou bons resultados para o país; diversos países do Ocidente condenaram a China pelo ato, fazendo com que os líderes chineses começassem a desenvolver uma “diplomacia da boa vizinhança” direcionando-se mais para seus vizinhos e menos para o Ocidente, priorizando a Ásia e forçando a China a reestabelecer conexões com países que tinha relacionamento instável.

Mesmo com tal instabilidade, a necessidade de se relacionar com a região asiática trouxe resultados positivos para a China, que na década de 1990 tornou-se um país muito importante para o continente, já que após a crise asiática de 1997 tornou-se um dos maiores doadores de recursos para os países da região e passou a ter mais responsabilidades com as comunidades regionais e internacionais.

Resultados estes que se refletiram na economia. Com um impressionante crescimento do produto interno bruto o país passou a chamar atenção internacional, os altos números despertaram curiosidade principalmente pelo fato da China ser na época, e ainda hoje, um país ainda em desenvolvimento e alcançar taxas de crescimento médio anuais tão grandes, crescendo

a uma taxa média de 9,5 a 10 % ao ano na década de 90, como já citado no capítulo 1, representando três vezes a taxa média anual dos Estados Unidos. Com sua entrada na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001 o país se expandiu ainda mais aumentando o volume de exportações de produtos com alta intensidade tecnológica (tabela 3).

Como é possível observar na tabela 2 e no gráfico 1 o PIB chinês sofreu grandes variações entre os anos 1991 e 1999 sendo a média de crescimento da década, segundo o WEO (IMF – World Economic Outlook) e IFS (International Financial Statistics), 12,44%.

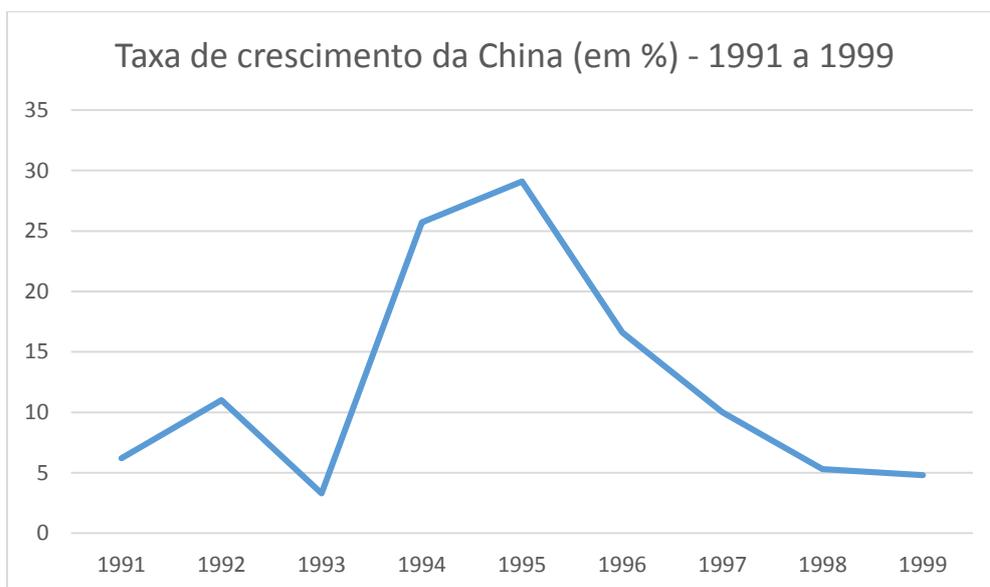
Tabela 2

Taxa de crescimento — Regiões e países selecionados (em %) — 1991 a 1999

Região/Economia	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	Média*
Mundo	4,6	11,5	-3,1	7,5	11,0	2,5	-0,5	-0,8	3,7	4,04
Países em desenvolvimento	4,0	36,2	-16,7	11,1	14,4	9,4	4,5	-6,2	1,1	6,42
América Latina e Caribe	5,2	9,3	8,6	14,5	6,4	8,7	9,2	0,3	-11,7	5,61
Argentina	34,2	20,6	3,5	8,8	0,1	5,5	7,6	2,1	-5,2	8,57
Brasil	-12,3	-4,2	12,2	24,7	28,8	10,2	4,2	-2,8	-33,3	3,05
Chile	14,3	20,9	6,2	14,5	41,5	5,1	8,9	-3,9	-8,0	11,05
México	19,7	15,6	10,9	4,4	-32,0	16,1	20,6	5,0	14,1	8,26
Ásia	4,8	57,2	-27,9	11,4	19,5	10,2	2,3	-10,1	8,6	8,44
China	6,2	11,0	3,3	25,7	29,1	16,6	10,0	5,3	4,8	12,44

Fonte: WEO e IFS  
 Dados originais do PIB em US\$ milhões  
 \* Média para o período de 1991 a 1999

Gráfico 1



Fonte: WEO e IFS. Elaboração própria.

Tabela 3

Exportações da China segundo Intensidade Tecnológica – 1985-2005 (em %)

Ano	Produtos primários	Baseados em recursos naturais	Baixa tecnologia	Média tecnologia	Alta tecnologia
1985	35,1%	13,5%	39,8%	7,7%	2,6%
1987	25,1%	10,3%	47,4%	11,3%	4,4%
1989	17,9%	8,4%	51,2%	14,7%	6,7%
1991	12,9%	7,3%	55,8%	15,2%	7,9%
1993	9,9%	6,4%	57,1%	15,4%	10,4%
1995	7,5%	6,8%	53,6%	16,9%	14,2%
1997	6,4%	6,6%	51,2%	17,0%	17,8%
1999	5,4%	6,3%	48,5%	17,2%	21,5%
2001	4,9%	6,2%	45,6%	17,9%	24,4%
2003	4,3%	6,1%	42,5%	18,5%	27,5%
2005	4,4%	8,3%	31,5%	22,0%	33,2%

Fonte: TradeCAN (2006).

Dentre as diversas teorias sobre o surgimento do termo “ascensão pacífica” destaca-se a que afirma que todo esse crescimento econômico que não passou despercebido também não deixou de gerar a preocupação de uma possível ameaça à estabilidade mundial e, a partir disso o governo chinês decidiu lançar o termo “ascensão pacífica”, indicando que seu objetivo era o crescimento sem a desestabilização da ordem mundial. Acredita-se que o termo tenha surgido também em virtude da preocupação chinesa da imagem que passaria para os Estados Unidos, que, caso fosse negativa poderia prejudicar a relação entre os países. Apesar das várias teorias sobre o termo todas resumem-se na intenção da China mostrar ao mundo que seu desenvolvimento e crescimento econômico não desestabilizariam o sistema.

Após alguns anos do uso deste termo, mais precisamente em 2005 a “ascensão pacífica” da China foi substituída pelo termo “desenvolvimento pacífico”. Muitas hipóteses surgiram para explicar o motivo da mudança, dentre elas a que está ligada a questão linguística. “Ascensão” no idioma chinês é entendida como *juequi*, que possui em seu radical *jue* a idéia de ruptura brusca; que “aparece de repente (ou ascende) no horizonte” (Wang, 2006 *apud* Amaral, 2012), passando talvez a ideia que a China iria desafiar o sistema.

Também há uma explicação em relação a Taiwan, considerado pela China como parte de si, e não independente. Segundo Amaral

Advogar uma “ascensão pacífica” conforme o governo estava fazendo, levantaria falsas expectativas para taiwaneses, pois estes acreditariam que a China não faria uso da força em relação ao seu desejo por independência. Assim, o governo chinês tratou rapidamente de acabar com tais expectativas, já que faria uso da força caso isso fosse necessário.” (GLASER, 2007 *apud* AMARAL, 2012)

Uma terceira explicação é posta por Suettingger (2004) *apud* Amaral (2012), que propõe a existência de uma disputa política entre Hu Jintao e Wen Jiabao em relação ao presidente da Comissão Central Militar, Jiang Zemin, e seus apoiadores. Apesar das várias explicações sobre a mudança do termo usado, a alteração foi feita apenas para soar menos ofensivo, e a mensagem de não desestabilização do sistema continuava presente.

## 2.1. Período de transformação

Com as Reformas de 1978 a China iniciou um período de transformação interna, como já dito no capítulo anterior, apoiando-se na proposta das Quatro Modernizações (desenvolvimento tecnológico e científico, aumento da produção agrícola, crescimento industrial e defesa nacional) e traçando estratégias para alcançar suas metas.

A proposta de modernizações iniciou-se no campo, como detalhado por Mezzetti (2000):

Iniciado em dezembro de 1978, desenvolveu-se gradualmente, inclusive levando em conta as regiões, adaptando-se às realidades locais porém com uma linha inspiradora constante: restituição *de facto* da terra aos camponeses, com o sistema de “responsabilidade da brigada” – unidade de produção composta de algumas centenas de famílias – em cujo bojo se inseria o “contrato de responsabilidade familiar”. Daí decorreram a liberalização da produção e a adequação dos preços dos produtos agrícolas ao andamento do mercado, com exceção das quotas que deviam ser entregues ao estado, as quais, no entanto, iam sendo pagas a preços crescentes.

Com o “contrato de responsabilidade familiar” a família se comprometia a entregar ao Estado uma parte de sua colheita, seja *in natura* ou uma quota a preços políticos, como forma de imposto. O destino do restante da produção era de escolha da família, tanto poderiam consumi-lo quanto vender no mercado. A terra era de uso total e a produção era liberalizada, ou seja, os camponeses poderiam produzir o que desejassem, não precisando mais produzirem apenas cereais como era feito antes da modernização.

Em relação ao crescimento industrial planejou-se redirecionar os esforços para a indústria leve, que no governo Mao era direcionado à indústria pesada (como a militar). Neste novo direcionamento os produtos de consumo e para exportação ganharam destaque e a China passou a dominar a produção e exportação mundial de produtos de tecnologia da informação e de bens de consumo industriais intensivos em mão de obra e em tecnologia grande parte destinada aos mercados americano e europeu. E para que isso fosse possível Deng iniciou uma campanha para restaurar os laços com outros países, incluindo países da Ásia, da Europa e os

Estados Unidos, uma integração produtiva com países desenvolvidos que apresentou três circuitos que operaram de forma articulada:

i) os investimentos externos americano, japonês, coreano e europeu (subsidiárias dos grupos transnacionais), cuja produção fora orientada tanto para as exportações destinadas aos Estados Unidos e à Europa como para o mercado interno chinês em expansão; ii) as cadeias produtivas de manufaturas globais que articularam as corporações dos países desenvolvidos detentoras de grandes marcas mundiais e as grandes empresas de países asiáticos, que fornecem suprimento de máquinas, equipamentos, peças e componentes, para a indústria chinesa; e iii) o segmento da indústria de consumo não durável (vestuário, material esportivo, brinquedos etc.), liderado pelas cadeias varejistas dos Estados Unidos e da Europa, que envolvem as firmas da China e do seu entorno como fornecedores. A articulação desses três circuitos fez com que a China se tornasse o centro global de montagem e produção de manufaturas mundial (Pinto e Gonçalves, 2014; Cintra e Martins, 2013; Pinto, 2011 *apud* Cintra e Pinto, 2015).

O plano de desenvolvimento tecnológico e científico do governo Deng foi incentivado principalmente pelo desastre da Revolução Cultural de 1976 que abalou a educação chinesa. Após anos de prejuízo para a educação do país o novo líder focou no “desenvolvimento educacional, científico e acadêmico como base do progresso material e tecnológico e da modernização do país” (LYRIO, 2010). Décadas antes da proclamação da RPC o país foi marcado por grande instabilidade política e econômica sendo um pequeno consumidor de tecnologia externa e menor ainda produtor de tecnologia doméstica. Em sua reforma Deng deu preferência à difusão tecnológica ao invés da inovação. O líder baseou suas reformas na incorporação e difusão de tecnologia importada.

Sobre a modernização da defesa nacional entende-se pela modernização e ampliação do poder das forças armadas chinesas que em relação à URSS e ao Ocidente estavam em defasagem, seus equipamentos não eram os mais modernos. Para superar a situação de atraso Deng Xiaoping estabeleceu a modernização da defesa nacional “com a RPC adquirindo e produzindo sob licença equipamentos ocidentais, no campo civil e militar, melhorando tanto a defesa do país como a infraestrutura produtiva e modernizando a economia.” (LOBO, 2006)

Atualmente, o país ainda se encontra em transformação e em um período de transição, tanto interna quanto internacional, traçando agora novas estratégias de desenvolvimento, objetivando tornar a China um país moderno, rico e poderoso. Assim, “as políticas macroeconômica, industrial, de ciência e tecnologia, social, externa e de segurança são direcionadas pelo Estado chinês para a construção de uma estabilidade política, a melhoria das condições de vida do povo chinês e a reconquista de uma posição internacional autônoma e relevante.”. (CINTRA E PINTO, 2015.).

O objetivo do Estado chinês é o desenvolvimento, sendo assim, ele [o Estado] deve manter-se flexível e inovador para autocorrigir-se, uma característica presente desde o início das Reformas Econômicas e que se mantém ainda hoje. As Reformas em todos os setores foram iniciadas com planejamentos, acontecendo gradualmente, visando o longo prazo e o Estado chinês tendo a consciência de que algo poderia dar errado, mas disposto a corrigir-se.

A transição interna que a China se encontra atualmente refere-se ao seu desenvolvimento econômico que é contraditório: tem forte concentração em investimentos, mas está gerando desequilíbrio econômico e social. O país ainda cresce a altas taxas anualmente (7,4% em 2014) e gera grande número de empregos, porém, a decisão de aumentar os investimentos de 40% para 47% do PIB, entre outros, desencadeou um desequilíbrio em seu crescimento gerando, segundo Cintra e Pinto (2015) “capacidade ociosa em inúmeros setores produtivos – e dependente da construção de gigantescas obras de infraestrutura, da expansão do mercado imobiliário, do endividamento das províncias e dos governos locais, bem como da elevada alavancagem de alguns segmentos do setor bancário e não bancário.”.

A partir disso, o Estado está tentando construir um novo regime de crescimento sustentável, com crescimento menos intensivo em capital e em energia e com características próprias (“características chinesas”) a fim de reduzir desigualdades sociais e melhorar o sistema de saúde pública e previdência do país.

Com novos objetivos e novo planejamento estratégico o Estado tem como pilares de tal planejamento a provisão de bens públicos “universais”, o desenvolvimento de uma urbanização e uma industrialização com menor impacto sobre o meio ambiente e a ampliação da renda e do consumo da população, tudo planejado em longo prazo, como a China está habituada a fazer.

Juntamente com essas novas tentativas e novos planos de crescimento do governo, novas relações entre a China e o resto do mundo são traçadas iniciando um processo de transição internacional.

Como posto por Cintra e Pinto (2015)

No plano internacional, a China tem obtido cada vez mais poder no âmbito das instituições multilaterais e das negociações bilaterais com outros países em desenvolvimento e desenvolvidos, projetando o seu poder (econômico, financeiro, político, diplomático e militar) no tabuleiro geoeconômico e geopolítico asiático e mundial.

Com a intenção de expandir sua área de influência para além da Ásia, a China vem procurando reorganizar a ordem internacional de acordo com seus interesses e perspectivas,

aproximando-se cada vez mais de países em desenvolvimento tanto da região asiática quanto do resto do mundo, a fim de aprofundar seus vínculos comerciais e de investimento e também modernizar seu conteúdo tecnológico.

A influência diplomática chinesa está se expandindo cada vez mais, para isso a China passou a participar mais de fóruns multilaterais a fim de alcançar esse objetivo e aproximar-se dos países emergentes e em desenvolvimento. Primeiramente destacam-se os arranjos bilaterais e multilaterais regionais como o ASEAN+3, ASEAN Regional Forum e East Asian Summit; também se destaca a aliança entre os países do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul); e também os diversos fóruns regionais com foco em comércio internacional e infraestrutura, como o Fórum de Cooperação China-Estados Árabes, o Fórum de Cooperação China-África, o Fórum China-CELAC (Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos), o Asia Cooperation Dialogue, Bo'ao e o Forum for Asia (BFA). Através da participação no G20 a China tenta ampliar a representação das economias emergentes (regionais e mundiais) em especial nas instituições financeiras internacionais como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial, o Banco de Desenvolvimento da Ásia e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e também o Banco dos BRICS – um banco conjunto de financiamento produtivo para a mobilização de recursos para projetos de infraestrutura e de desenvolvimento sustentável nos BRICS e em outras economias emergentes e países em desenvolvimento (MOREIRA JR. E FIGUEIRA, 2014).

## **2.2. De quintal econômico à potência industrial**

A ascensão econômica da China veio, sem dúvidas, para mudar a dinâmica da economia mundial. Um país que, antes das Reformas Econômicas, tinha uma economia basicamente agrícola hoje é líder mundial na produção e exportação de produtos de mão-de-obra intensiva como roupas e sapatos – basta observar as etiquetas *made in China* – e também líder global em produção de telefones celulares, chips para computadores entre outras tecnologias. A ambição do país vai além do que ele produz e exporta atualmente, a tendência é que as empresas chinesas cresçam cada vez mais e alcancem altos níveis de produção e inovação tecnológica, como é o caso das empresas de produção, montagem e desenvolvimento de aviões que trabalham desde aviões militares até jatos comerciais e são grandes apostas para um futuro próximo.

A tabela abaixo (tabela 4) é do ano de 2011 e mostra as 50 principais empresas chinesas de marca global, seu setor, sua receita e seu lucro naquele ano segundo a revista americana Forbes:

Tabela 4 – Empresas Chinesas de marca global<sup>1</sup>

Companhia	Setor	Receita	Lucro
ICBC	Financeiro	US\$ 82,2 bilhões	US\$ 25,1 bilhões
PetroChina	Petróleo	US\$ 310,1 bilhões	US\$ 20,6 bilhões
China Constuction Bank	Financeiro	US\$ 68,7 bilhões	US\$ 20,5 bilhões
Agricultural Bank of China	Financeiro	US\$ 62,4 bilhões	US\$ 14,4 bilhões
Bank of China	Financeiro	US\$ 60,8 bilhões	US\$ 15,8 bilhões
Sinopec-China Petroleum	Financeiro	US\$ 391,4 bilhões	US\$ 11,6 bilhões
China Life Insurance	Seguros	US\$ 56 bilhões	US\$ 5,1 bilhões
Ping An Insurance Group	Seguros	US\$ 42,2 bilhões	US\$ 3 bilhões
Bank of Communications	Financeiro	US\$ 24,9 bilhões	US\$ 5,9 bilhões
China Shenhua Energy	Energia	US\$ 33,1 bilhões	US\$ 7,3 bilhões
Shanghai Pudong Dev Bk	Financeiro	US\$ 20,4 bilhões	US\$ 4,3 bilhões
China Telecom	Telecomunicação	US\$ 38,9 bilhões	US\$ 2,6 bilhões
China Merchants Bank	Financeiro	US\$ 15,2 bilhões	US\$ 3,9 bilhões
China Citic Bank	Financeiro	US\$ 12,3 bilhões	US\$ 3,3 bilhões
China Minsgeng Banking	Financeiro	US\$ 12,1 bilhões	US\$ 2,7 bilhões
Saic Motor	Automotivo	US\$ 46,3 bilhões	US\$ 2,1 bilhões
Industrial Bank	Financeiro	US\$ 11,6 bilhões	US\$ 2,8 bilhões
CCCC-China Communications Construction	Construção	US\$ 46,8 bilhões	US\$ 1,9 bilhão
China Pacific Insurance	Seguros	US\$ 21,5 bilhões	US\$ 1,3 bilhão
China State Constriction	Construção	US\$ 56,2 bilhões	US\$ 1,4 bilhão
China Everbright Bank	Financeiro	US\$ 9 bilhões	US\$ 1,9 bilhão
Baoshan Iron & Steel	Siderurgia	US\$ 30,7 bilhões	US\$ 2 bilhões
China Railway Group	Construção	US\$ 69,2 bilhões	US\$ 1,1 bilhão
Shenzhen Development Bank	Financeiro	US\$ 9,1 bilhões	US\$ 1,6 bilhão
China Vanke	Imobiliário	US\$ 9,9 bilhões	US\$ 1,5 bilhão

1

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/as-50-maiores-companhias-da-china>>. Acesso em 8 de março de 2016.

Companhia	Setor	Receita	Lucro
PICC Property & Casualty	Seguros	US\$19,5 bilhões	US\$ 800 milhões
China Rail Construction	Construção	US\$ 69,2 bilhões	US\$ 600 milhões
Dongfeng Motor Group	Automotivo	US\$ 18,6 bilhões	US\$ 1,7 bilhão
MMC	Construção	US\$ 31,3 bilhões	US\$ 800 milhões
Hua Xia Bank	Financeiro	US\$ 6,9 bilhões	US\$ 900 milhões
China Coal Energy	Energia	US\$ 10,7 bilhões	US\$ 1,1 bilhão
Huaneng Power Intl	Bens de Consumo	US\$ 15,8 bilhões	US\$ 500 milhões
New China Life Insurance	Seguros	US\$ 15,4 bilhões	US\$ 300 milhões
China Cosco Holding	Transporte	US\$ 14,6 bilhões	US\$ 1 bilhão
Yanzhou Coal Mining	Mineração	US\$ 7,5 bilhões	US\$ 1,4 bilhão
Daqin Railway	Ferroviário	US\$ 6,4 bilhões	US\$ 1,6 bilhão
Citic Securities	Investimento	US\$ 4,2 bilhões	US\$ 1,7 bilhão
Gree Electric Appliances	Energia	US\$ 12,9 bilhões	US\$ 800 milhões
Bank of Beijing	Financeiro	US\$ 3,8 bilhões	US\$ 1 bilhão
China Yangtze Power	Bens de Consumo	US\$ 3,3 bilhões	US\$ 1,2 bilhão
China Southern Airlines	Aviação	US\$ 11,2 bilhões	US\$ 900 milhões
Evergrande Real Estate	Imobiliário	US\$ 6,9 bilhões	US\$ 1,2 bilhão
China Eastern Airlines	Aviação	US\$ 13,1 bilhões	US\$ 700 milhões
Zoomlion Heavy Industry	Indústria Pesada	US\$ 7,2 bilhões	US\$ 1,2 bilhão
Aluminum Corp of China	Alumínio	US\$ 22,6 bilhões	US\$ 0 bilhão
Datang International Power	Bens de Consumo	US\$ 9,2 bilhões	US\$ 400 milhões
Tencent Holdings	Tecnologia	US\$ 4,5 bilhões	US\$ 1,6 bilhão
Poly Real state Group	Imobiliário	US\$ 5,4 bilhões	US\$ 700 milhões
Sinohtdro Group	Construção	US\$ 15,4 bilhões	US\$ 400 milhões
Jiangxi Copper	Mineração	US\$ 11,6 bilhões	US\$ 800 milhões

Fonte: Exame.abril.com.br

Um fator também importante que contribui para o crescimento chinês é o enorme mercado consumidor que a China proporciona aos outros países. A atração de seu mercado interno possibilita ao país um enorme poder de barganha como afirma Shenkar (2005): “é a expectativa de participação nesse mercado que permite à China exigir transferência de tecnologia com condições de acesso dos investidores estrangeiros, dos quais extrai, assim, condições nunca antes imaginadas em outros mercados”, como é o caso da indústria automotiva:

Na indústria automotiva, empresas como a General Motors se submeteram a estabelecer centros de pesquisa e desenvolvimento, uma atividade nunca antes contemplada em um mercado emergente. Os produtores estrangeiros, além de concordarem em transferir tecnologia, a alma dos seus negócios, assim o fizeram em um cenário sem qualquer proteção dos direitos de propriedade intelectual (DPIs) e em alianças paralelas nunca antes vistas: a China é o único país em que os fabricantes nacionais de automóveis fazem empreendimentos conjuntos com dois ou mais sócios estrangeiros concorrentes no mesmo setor, o que possibilita aos chineses aprender as “melhores práticas” de ambos os sócios estrangeiros, e, evidentemente, ficar sabendo das melhores técnicas e tecnologias de cada um deles. O objetivo disto é criar multinacionais chinesas que assumirão lugar próprio na economia globalizada e repetir o sucesso de empresas como Toyota, Sony e Samsung, com muito maior rapidez que os detentores das marcas originais. (SHENKAR, 2005).

Para a China e suas empresas o objetivo é crescer na pirâmide tecnológica para passarem a ser produtoras autônomas e poderem superar as potências industriais já existentes no setor.

Toda a mudança ocorrida na China é decorrente, como já citado, de muito planejamento e estratégias, que proporcionaram ao país transformar-se de quintal econômico à potência industrial em um período de tempo relativamente curto (1978-2008). Os bons resultados mostram que as ações têm surtido efeito e incentivam cada vez mais o país a chegar mais longe e alcançar um posto ainda maior na economia mundial.

O próximo capítulo traz a entrada da China na Organização Mundial do Comércio e como isto trouxe bons resultados para a internacionalização da economia do país; e a partir de gráficos e tabelas será possível analisar a importância das relações econômicas da China com a América Latina e a África e analisar também a mudança da dinâmica da economia chinesa.

## Capítulo 3

### A CHINA NA ECONOMIA GLOBAL

#### 3.1. A entrada da China na Organização Mundial do Comércio

O dia 10 de novembro de 2001 marca um importante passo dado pela China: a Organização Mundial do Comércio (OMC) aprovou o ingresso do país na entidade, após 15 anos de negociações. Um mês depois da aprovação, em dezembro de 2001, a China de fato passou a fazer parte da OMC. A aprovação ocorreu em Doha, no Catar, em uma reunião ministerial da OMC e a proposta contou com o apoio dos 142 países membros da Organização.

Como afirma Vera Thorstensen (2010):

A entrada da China na organização foi consequência, de um lado, da opção de seu governo em adaptar um modelo econômico baseado nos princípios socialistas de economia planejada em um modelo de economia de mercado, designado por economia socialista de mercado, bem como estabilizar as relações comerciais com os demais países. De outro, significou a vontade política dos membros da OMC de integrarem esse país no seio da organização, que tem por objetivo básico a liberalização do comércio por meios de negociação de regras e supervisão da sua aplicação. Em síntese, os interesses foram satisfeitos dos dois lados: a China, ao transformar o comércio internacional em ponto central da sua política de crescimento, necessitava da garantia das regras da OMC de que suas exportações não seriam discriminadas; e os demais membros da OMC, atraídos pelo vasto mercado chinês, em fase de abertura, consideravam que as regras existentes seriam garantia de que a invasão dos produtos chineses poderia ser controlada.

O movimento de entrada da China na OMC exigiu do país ações diversas e comprometimento com os princípios básicos da Organização dentre eles:

- . Não discriminação entre todos os membros da OMC para produtos e empresas.
- . Não discriminação entre produtos nacionais e importados (por ex. prática de sistema dual de preços), e não discriminação entre empresas nacionais ou estrangeiras (por ex. direito de comércio apenas para empresas chinesas).
- . Cumprimento das Listas de Compromissos com reduções substanciais de tarifas consolidadas médias para 15% em agricultura e 8,9% em bens não-agrícolas.
- . Cumprimento dos compromissos de redução em apoios à agricultura com um teto de 8,5% do valor da produção agrícola, e eliminação de subsídios para exportação.
- . Transparência de toda a legislação e medidas administrativas relacionadas com o comércio internacional.
- . Eliminação de quotas e restrições a importações.
- . Adoção de todos os Acordos da OMC, entre eles, o de TRIPs (propriedade intelectual), TRIMs (proibição de condicionar incentivos ao investimento a medidas de restrição a importações, ao desempenho exportador ou ao conteúdo local), Agricultura, Serviços, Defesa Comercial, Barreiras Técnicas, Medidas Sanitárias e Fitossanitárias e Licença de Importações.”. (THORSTENSEN, 2010)

E segundo Winn, 2005 (*apud* Arrighi, 2008), em 2001 a China “concordou com um dos programas mais rápidos de corte de tarifas de importação e de abertura de mercado já aceito pelos novos membros” e, apesar dos problemas, “cumpriu os prazos e aprovou as leis””.

A participação na OMC trouxe um grande impulso para a expansão comercial do país e também contribuiu para o avanço de muitos interesses estratégicos chineses. Como mostra Nonnenber (2008) (*apud* Amaral, 2012) a participação da China no comércio internacional se intensificou após 2001:

A importância do comércio internacional no crescimento chinês é evidenciada pelo aumento da participação dos fluxos comerciais (importações mais exportações) no PIB. Na primeira metade dos anos 1990, os fluxos de comércio representavam menos de 40% do PIB, subindo para cerca de 65% em 2003 (...). O crescimento da participação chinesa no comércio mundial é um fenômeno que já vem ocorrendo há mais de uma década, mas que se intensificou fortemente nos últimos anos. Um dos marcos recentes na evolução dos fluxos comerciais chineses com o resto do mundo foi o ingresso do país na Organização Mundial do Comércio (OMC), em 2001, quando o comércio chinês deu um salto expressivo. (NONNENBERG, 2008)

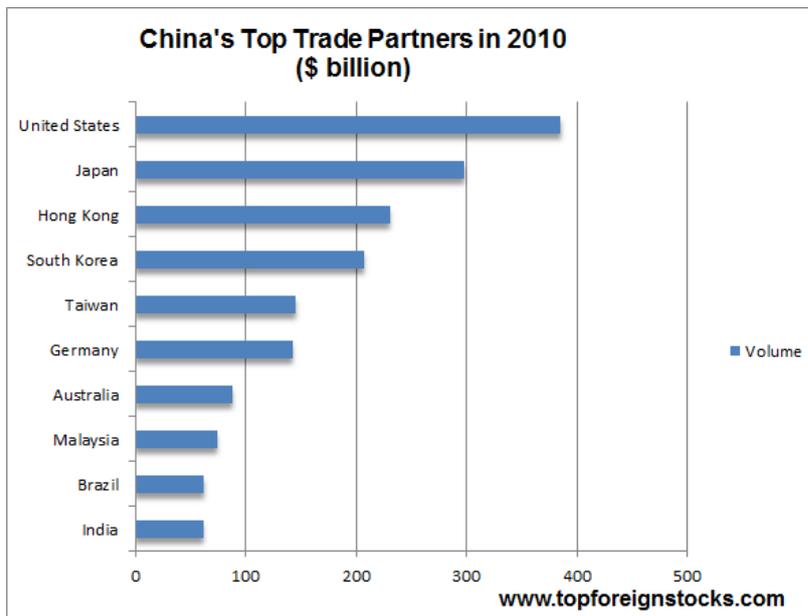
É claro que a entrada da China na OMC gerou mudanças não só em sua economia, mas também no comércio mundial. A partir de 2001 a China passou a receber muito mais produtos estrangeiros pois iniciou uma maior abertura do seu mercado interno e também passou a exportar mais, gerando impacto mundial em diferentes aspectos.

### **3.2. Relações comerciais chinesas a partir do século XXI**

Como dito anteriormente, com a transformação da economia chinesa, o fim da Guerra Fria, sua entrada na OMC e abertura comercial o país passou a estabelecer novas relações tanto comerciais quanto diplomáticas com diversos países, dentre eles: Estados Unidos, Japão, Brasil, entre outros.

A China buscou restaurar laços comerciais com países que já havia se relacionado antes, como é o caso dos Estados Unidos, e ampliar conexões com países que até então não havia estabelecido relações comerciais.

O gráfico abaixo mostra os 10 principais parceiros comerciais da China no ano de 2010. Como pode ser observado, os Estados Unidos ocupam o primeiro lugar, e o Brasil o 9º entre os 10. Além desses dois países, observamos países asiáticos, países da União Europeia e a Índia como parceiros comerciais chineses.

Gráfico 2<sup>2</sup>

Como já observado, a China passou a estabelecer relações comerciais com todo o mundo, na América Latina o país aumentou significativamente sua representação comercial e, visando diversificar seus sócios comerciais passou a representar 9,7% do comércio total da região em 2009, quando em 1990 representava apenas 0,6%. E como aponta Pochman (2011) “ a crescente demanda chinesa por matérias-primas e a internacionalização das empresas chinesas têm levado a China a aumentar seu comércio com a África e a América Latina e a realizar importantes investimentos nessas duas regiões ”, diante disso analisaremos o comércio com a América Latina e a África, regiões de grande importância para a economia chinesa.

### 3.2.1 Relações comerciais da China com a América Latina

As relações econômicas da China com os países da América Latina tornaram-se mais intensas a partir do século XXI sendo o interesse comercial entre os países recíproco. A China busca, mas não somente, garantir acesso aos recursos minerais e energéticos dos países latino-americanos a fim de sustentar seu setor econômico de manufaturas e também acesso aos

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://topforeignstocks.com/2012/12/06/a-look-at-chinas-major-trade-partners/>>. Acesso em: 6 de abril de 2016.

alimentos cultivados na região para alimentar sua numerosa população. Como aponta Ellis, 2009 *apud* Cintra 2013:

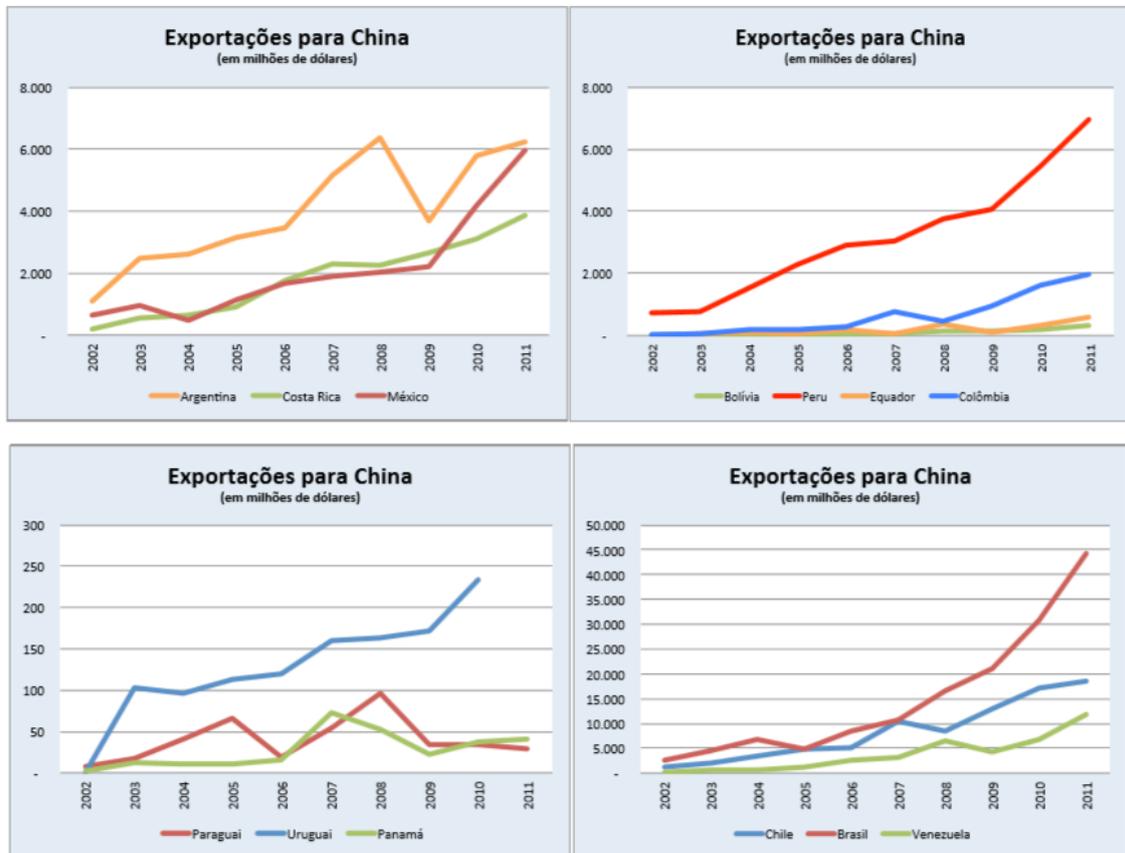
Para Evan Ellis, professor do *Center for Hemispheric Defense Studies*, “a América Latina passa a ter um papel importante como fornecedora de alimentos como a soja do Brasil, óleo de girassol da Argentina e produtos mais voltados para a nova população com renda média chinesa, como os vinhos chilenos, o café colombiano e a cerveja mexicana.

A China também encontra na América Latina um importante mercado para exportar seus produtos, principalmente depois da crise de 2008 com a contração dos mercados dos Estados Unidos e da Europa – habituais mercados chineses. “A China reconheceu, então, a necessidade de diversificar seus mercados a fim de manter o crescimento. Jiang Shixue (2008) afirma que “[E]xpandir seu market share na América Latina tem sido parte do objetivo da China em reduzir sua dependência dos Estados Unidos, Japão e Europa”.”. (CINTRA, 2013). O país também enxerga nos países latino-americanos, principalmente Brasil, México, Venezuela e Argentina importantes parceiros estratégicos que contribuirão para aumentar sua influência na região.

A região fornece principalmente produtos primários (*commodities*) aos chineses como minérios, minerais e metais, petróleo, soja, café, carne entre outros. Em relação aos principais produtos exportados para a China no ano de 2011 80,4 % do total exportado pelo Brasil para o país asiático foi de soja, minério de ferro e petróleo – sendo esses os 3 principais produtos que o país fornece aos chineses. Já no Chile 88% do total exportado foi cobre e seus resíduos e na Argentina soja e óleo de girassol representaram 70,6% do total exportado.

Os gráficos 3, 4, 5 e 6 representam as exportações (em milhões de dólares) da Argentina, Costa Rica, México, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Paraguai, Uruguai, Panamá, Chile, Brasil e Venezuela para a China de 2002 a 2011, sendo o Brasil o país que mais exportou no período analisado.

Gráficos 3, 4, 5 e 6



Sobre a relação Brasil-China, atualmente nosso país ocupa a posição de principal parceiro comercial da China entre os países da América Latina. Os laços entre os dois países se estreitaram a partir de 2006 quando foi criado o BRIC um agrupamento econômico formado por Brasil, Rússia, Índia e China (e que mais tarde, em 2011, passou a se chamar BRICS com a adesão da África do Sul) que tinha como objetivo promover o crescimento dessas economias.

Em relação as exportações brasileiras para a China, que são em sua maioria commodities, a tabela 5 nos mostra os principais produtos que o Brasil exportou para os chineses no ano de 2011, sendo minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados; outros grãos de soja, mesmo triturados e; óleos brutos de petróleo, os três principais – somando 76,32% de participação do total exportado para a China. E o gráfico 7 mostra em porcentagem o total das exportações brasileiras para a China de 2000 a 2011, em relação ao total exportado pelo Brasil para o mundo, sendo que nos anos mais recentes houve um grande aumento das exportações sendo quase 18% em 2011.

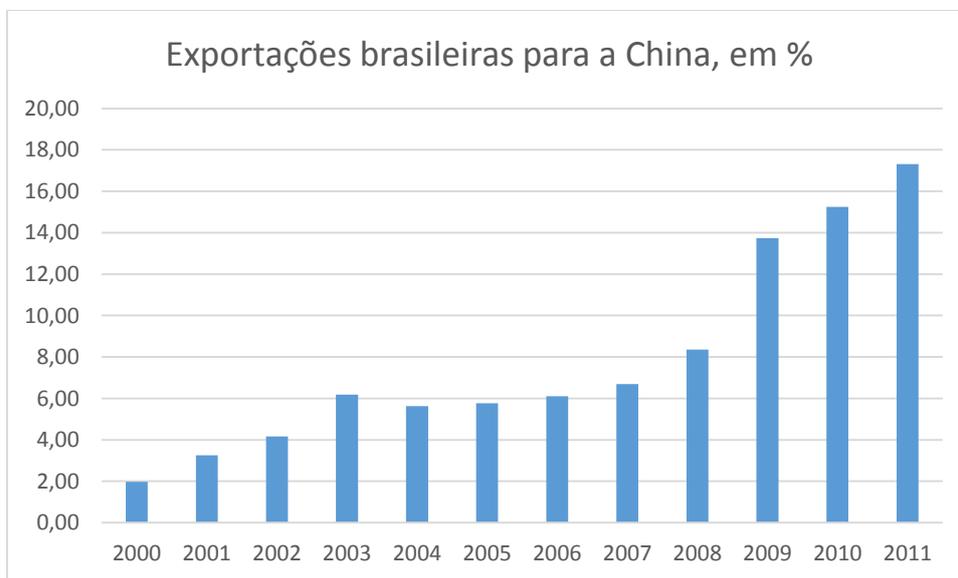
Tabela 5

## Principais Produtos Exportados para a China em 2011

DESCRIÇÃO PRODUTO	VALOR		PESO
	US\$ FOB	PART. %	KG
Minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados	17.976.880.575	40,57	153.785.321.188
Outros grãos de soja, mesmo triturados	10.957.102.029	24,73	22.104.719.466
Óleos brutos de petróleo	4.883.733.718	11,02	7.115.471.455
Minérios de ferro aglomerados e seus concentrados	1.820.195.846	4,11	10.715.015.919
Acúcar de cana, em bruto	1.157.230.479	2,61	2.043.192.153
Pasta quím. Madeira de n/conif. A soda/sulfato, semi/branq	1.061.996.501	2,40	1.960.652.442
Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	759.821.410	1,71	640.178.691
outros aviões/veículos aéreos, peso>15000kg, vazios	619.254.550	1,40	507.790
Algodão simplesmente debulhado, não cardado nem penteado	567.186.749	1,28	273.225.772
Pedaços e miudezas, comest. de galos/galinhas, congelados	422.859.980	0,95	195.816.782
Fumo n/manuf. Total/parc. Destal. fls secas, etc, Virginia	375.628.192	0,85	52.252.214
Ferroniobio	373.214.820	0,84	14.923.000
Pasta química de madeira, para dissolução	237.179.575	0,54	251.648.418

Fonte: Secex/MDIC. Elaboração própria.

Gráfico 7



Fonte: MDIC. Elaboração própria.

Sobre as importações de produtos chineses pelo Brasil, o país importa em sua maioria produtos manufaturados. A tabela 6 nos mostra os principais no ano de 2011, sendo partes de aparelhos transmissores ou receptores; máquinas automáticas para processamento de dados e

suas unidades e; partes e acessórios de máquinas automáticas para processamento de dados, os três principais.

Tabela 6

### Principais Produtos Importados da China pelo Brasil em 2011

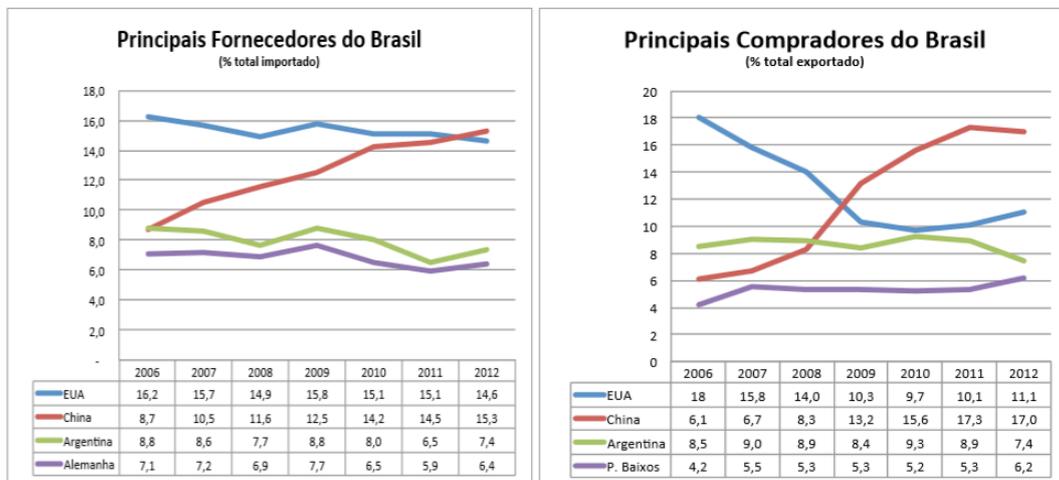
<b>Discriminação</b>	<b>Em US\$ FOB</b>	<b>Part. (%)</b>
TOTAL GERAL	32.788.424.507	100%
Partes de aparelhos transmissores ou receptores	1.684.329.078	5,1%
Máquinas automáticas p/ process.dados e suas unidades	1.320.877.187	4,0%
Partes e acessórios de máqs.automát. p/ process. Dados	1.119.549.358	3,4%
Circuitos impressos e outrs.partes p/apars. Telefonia	1.027.254.824	3,1%
Circuitos integrados e microconjuntos eletrônicos	808.510.431	2,5%
Motores, geradores e transformadores eletr. e suas partes	780.659.831	2,4%
Produtos laminados planos de ferro ou aços	755.861.836	2,3%
Aparelhos transmissores/receptores tel celular	702.468.412	2,1%
Aparelhos transmissores ou receptores, outros	617.888.639	1,9%
Compostos heterocíclicos, seus sais e sulfonamidas	596.407.759	1,8%
Demais Produtos	23.374.617.152	71,3%

Fonte: Secex/MDIC. Elaboração própria.

Como é possível observar no gráfico 8 a participação da China no comércio brasileiro, e vice-versa, aumentou nos últimos anos, sendo que em 2012 a China passou a ser o principal fornecedor do Brasil deixando os EUA em segundo lugar e em 2009 já era o principal comprador dos produtos brasileiros também ultrapassando os EUA.

Gráfico 8

## Principais fornecedores e compradores do Brasil de 2002 a 2012



Fonte: Secex/MDIC. Elaboração própria.

### 3.2.2. Relações comerciais da China com a África Subsaariana

Diante de vários acontecimentos importantes ocorridos na história da Cooperação Sul-Sul (CSS) – mecanismo de desenvolvimento conjunto entre países emergentes do Sul –, muitos deles no século XX, no ano 2000 aconteceu a celebração do Primeiro Fórum de Cooperação China-África em Pequim, fato muito importante para a relação entre os dois países no século XXI.

Milani e Carvalho (2012) afirmam que nos anos 2000 a CSS passou a defender

Uma nova visão do desenvolvimento a partir da realidade de países como África do Sul, Brasil, China, Índia ou Turquia. O desenvolvimento não seria mais pensado exclusivamente a partir de uma visão liberal da ordem internacional. O papel do Estado e as coalizões entre países do Sul passaram a reforçar a horizontalidade no desenvolvimento de programas de cooperação. Trata-se, desde então, de uma tentativa de garantir uma inserção internacional diferenciada de alguns países do Sul no diálogo com os países desenvolvidos.

É claro que, mesmo com o objetivo de cooperação entre os países do sul estes também agem de acordo com seus interesses, cooperando e estabelecendo relações comerciais com aqueles que julgam mais importantes para atingir seus objetivos.

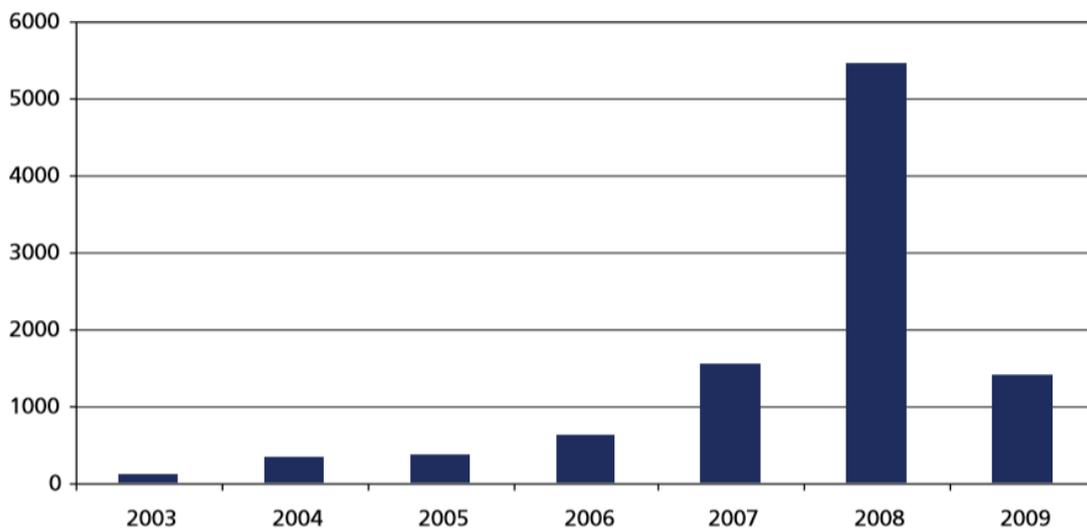
As políticas dos países em desenvolvimento, como a China, são marcadas pela coerência, dado o objetivo primordial de expansão e reestruturação de suas economias (ÖNIS, 1991 *apud* CARMODY E OWUSU, 2011). Desta forma, a China enxergou a África como um

continente estratégico já que apresenta grande potencial para atender à crescente demanda chinesa por insumos industriais e recursos naturais, principalmente petróleo e minerais.

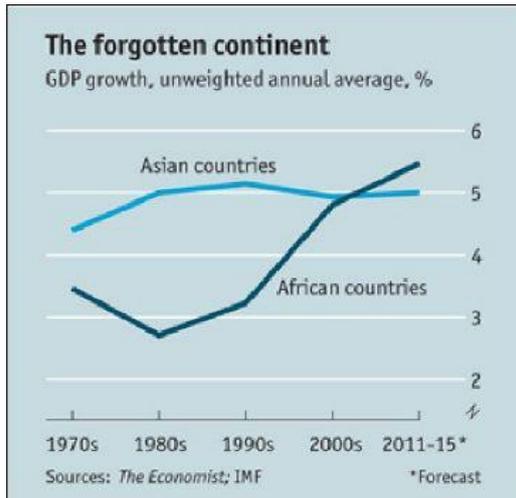
A África é um continente em expansão, e os investimentos da China na região estão aumentando, como mostra o gráfico 9, e trazendo bons resultados para a economia dos países africanos que a partir da década de 90 passaram a registrar crescimento econômico significativo, como mostra o gráfico 10, passando de pouco mais de 3% na década de 1990 para cerca de 5,5% entre 2011 e 2015.

Gráfico 9

**Fluxos de investimentos chineses na África**  
(Em US\$ milhões correntes)

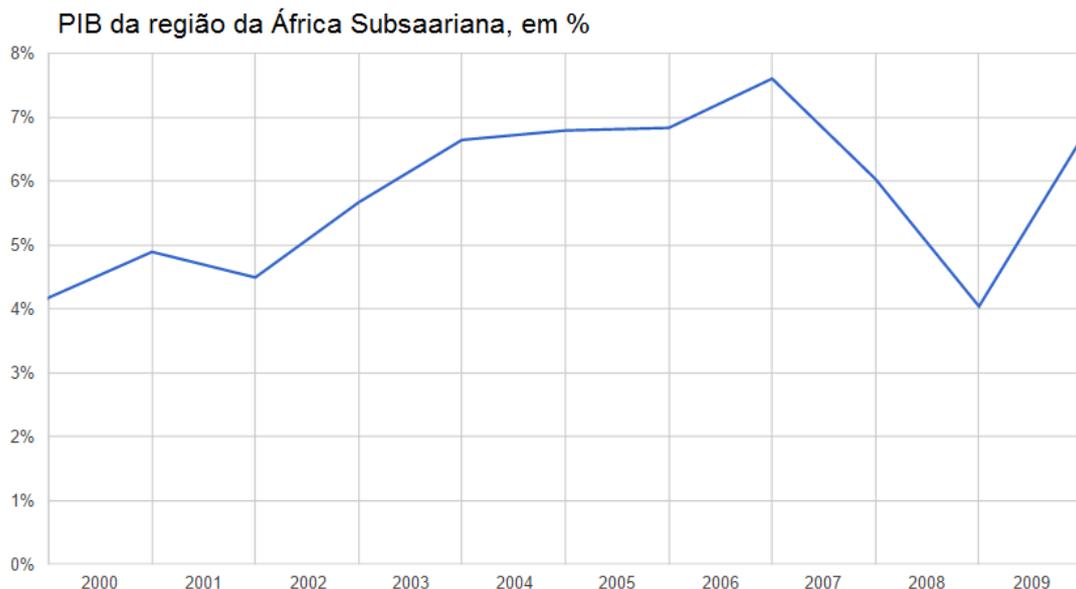


Fontes: Van Der Lugt *et al.* (2011, p. 71) e Ministry of Commerce of China.

Gráfico 10<sup>3</sup>

A região da África Subsaariana engloba 33 dos 54 países africanos e representa uma das regiões mais pobres do mundo. O gráfico 11 aponta um progressivo crescimento do seu PIB a partir do ano 2000, que apresenta apenas uma grande queda entre 2007 e 2008 reflexo da crise financeira internacional que afetou diversos países do mundo, mas que em 2009 já começa a recuperar o crescimento chegando próximo ao que estava crescendo antes da crise.

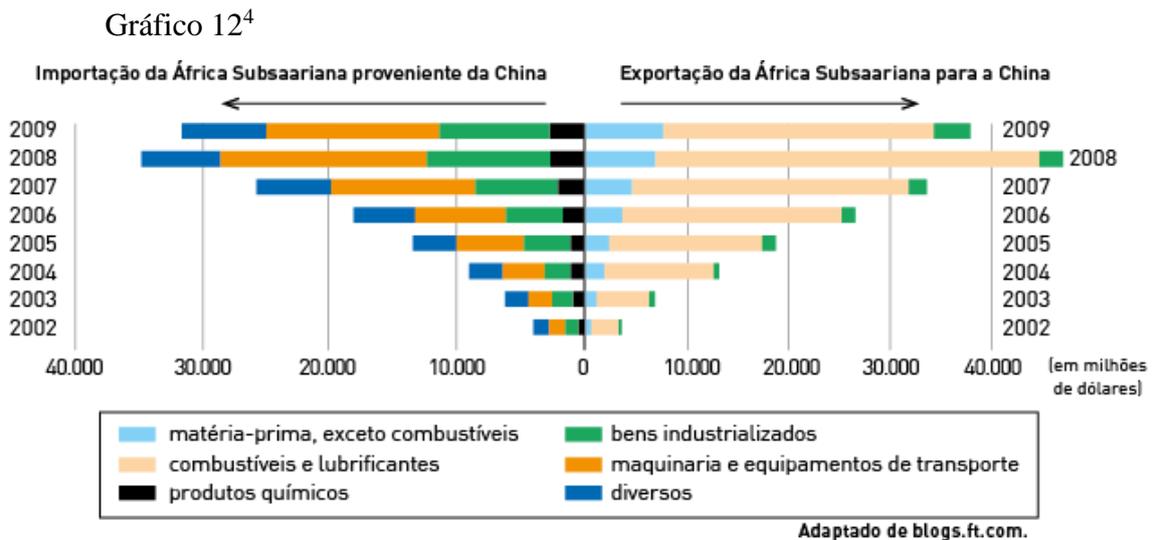
Gráfico 11



Fonte: IMF. Elaboração google public data explorer.

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.elliottwave.com/freeupdates/archives/2011/02/09/Surprising-Economic-Path-for-the--Forgotten-Continent-.aspx>>. Acesso em: 6 de abril de 2016.

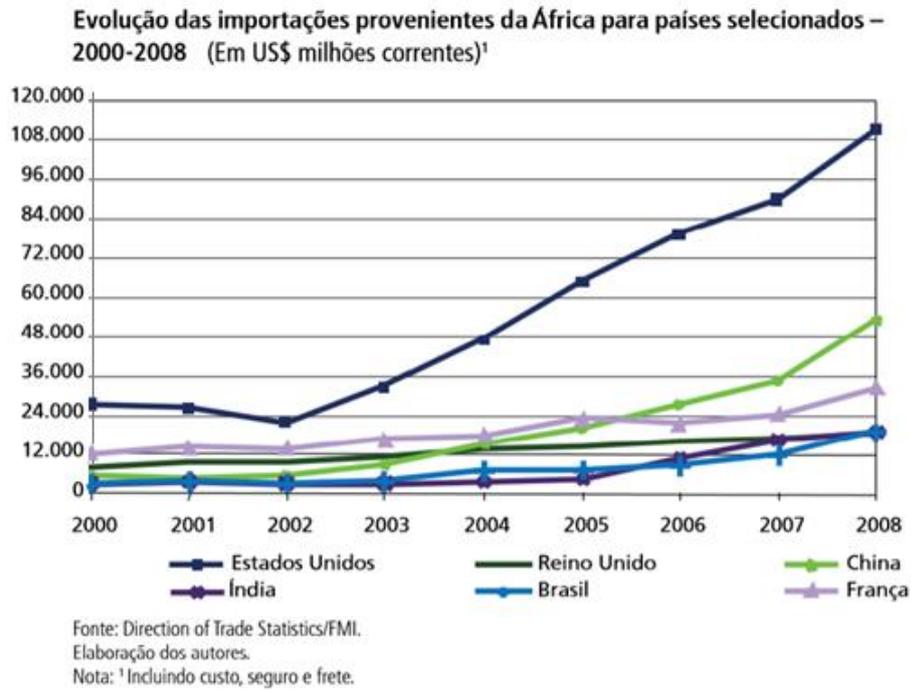
Sobre essa região específica o gráfico abaixo (gráfico 12) apresenta os principais produtos que a África Subsaariana importou da China e os principais produtos que exportou para a China de 2002 a 2009. A partir de 2005 a região importou mais maquinaria e equipamentos de transporte e exportou mais combustíveis e lubrificantes para os chineses.



Considerando que até 2007/2008 a região africana apresentou melhores resultados em sua economia, o gráfico 13 nos mostra como as importações provenientes da África aumentaram nos EUA, Índia, Reino Unido, Brasil, China e França, a partir de 2000, sendo que no final de 2005 a China se tornou o segundo maior importador da África ultrapassando a França e ficando atrás apenas dos EUA.

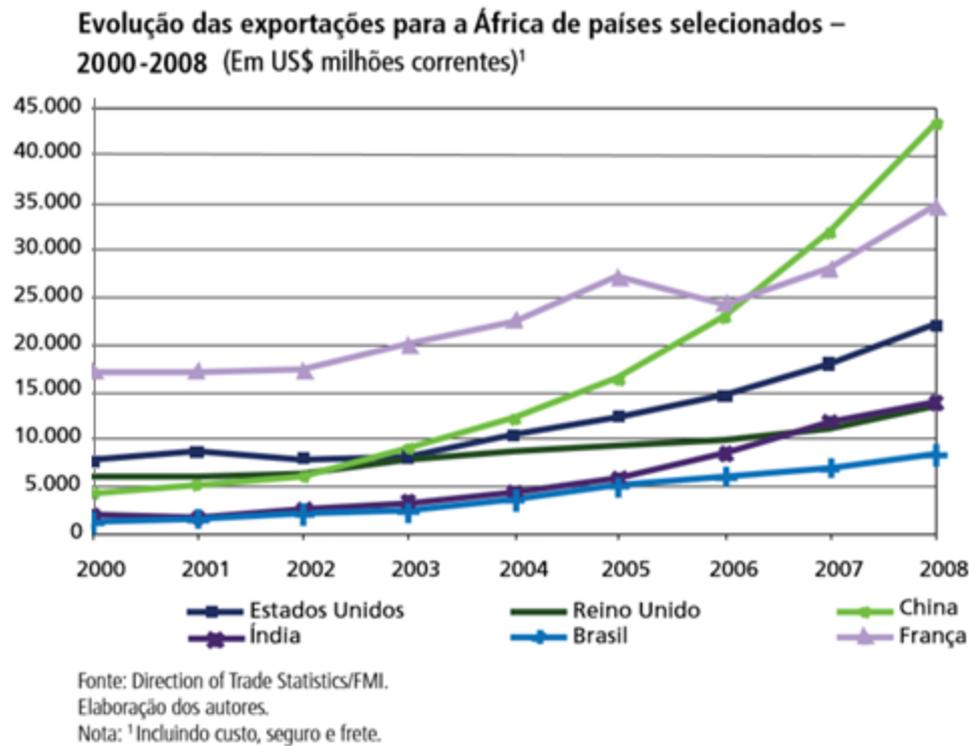
<sup>4</sup> Disponível em: <[http://www.revista.vestibular.uerj.br/questao/questao-objetiva.php?seq\\_questao=1105](http://www.revista.vestibular.uerj.br/questao/questao-objetiva.php?seq_questao=1105)>. Acesso em: 6 de abril de 2016.

Gráfico 13



No mesmo período analisado no gráfico 13 (2000-2008) o gráfico 14 mostra a evolução das exportações para a África pelos mesmos países analisados no gráfico anterior (EUA, Índia, Reino Unido, Brasil, China e França) sendo que, neste quesito a China passou a ocupar o primeiro lugar entre 2006 e 2007, se tornando a principal exportadora para a África.

Gráfico 14



Como pôde ser observado, China e África estreitaram seus laços comerciais a partir de 2000 e a África passou a ser um importante parceiro para a China, já que a região fornece produtos, em sua maioria commodities e petróleo (tabela 7), para suprir parte da necessidade chinesa de insumos industriais e recursos naturais e também se tornou grande compradora de produtos chineses sendo a China o país que mais exporta para a África.

Tabela 7

**Pauta de importação da China oriunda da África – 2001-2009 (Em %)**

	2001-2003	2004-2006	2007-2009
Commodities e petróleo	87,1	91,6	93,3
Intensivo em trabalho e recursos naturais	4,0	3,6	2,5
Baixa intensidade tecnológica	3,9	2,0	2,1
Média intensidade tecnológica	2,5	1,3	0,8
Alta intensidade tecnológica	2,4	1,5	1,2
Não classificados	0,1	0,0	0,0

Fonte: Handbook of Statistics/UNCTAD.  
Elaboração dos autores.

Apesar de toda a cooperação existente entre China e América Latina e China e África, e dos benefícios gerados com as trocas comerciais entre os países, pode-se dizer que os interesses chineses nessas regiões são maiores que os interesses dessas regiões na China, já que estas suprem grande parte das necessidades chinesas de alimentos e *commodities* energéticas e também possuem menos influência comparadas à China, hoje segunda maior potência econômica do mundo. Essa cooperação entre a China e as duas regiões pode levar também à uma dependência de ambas com a China, já que o país é grande comprador de produtos do setor primário dessas regiões.

Também, a expansão do mercado chinês de tecnologias pode dificultar o avanço tecnológico de países das duas regiões, pois a China vem ganhando espaço no mercado mundial, o que, por sua vez, pode tornar ainda mais difícil o avanço tecnológico, a produção e a exportação de tecnologias por parte de países latino americanos e africanos.

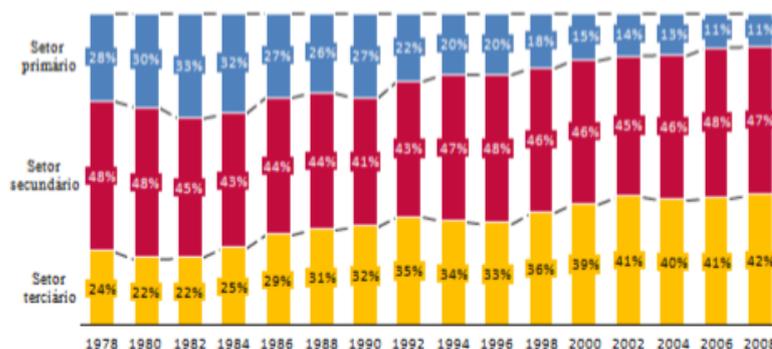
### 3.3. Setores competitivos da economia chinesa

Antes das reformas econômicas em 1978 a economia da China era basicamente agrícola, após as mudanças feitas por Deng Xiaoping o país passou a produzir e exportar mais produtos de mão de obra intensiva e tecnologias como telefones celulares, computadores, chips eletrônicos entre outros.

A mudança a partir de 1978 está ligada à diminuição da importância do setor primário, produção através de recursos da natureza, para a economia chinesa e ao aumento da participação do setor terciário, setor de serviços, no PIB chinês diretamente ligado a urbanização do país. Como mostra o gráfico abaixo.

Gráfico 15

**China: Composição setorial do PIB entre 1978 e 2008 (% do PIB)**



Fonte: NBS, *Chinese Statistical Yearbook* (2012). Elaboração própria.

Entre 1949 e 1978 o setor primário perdeu espaço na China pelo fato de o setor secundário, transformação de matérias-primas em produtos industrializados, ter aumentado sua participação, já entre 1978 e 2008 o setor primário perdeu espaço para o setor terciário como já dito, passando de 28% de participação no PIB em 1978 para 11% em 2008, enquanto o setor terciário passou de 24% para 42% em participação no PIB chinês. Segundo afirma Carvalho (2013)

Este aumento da participação dos serviços, por sua vez, é resultado do processo de urbanização e crescente mercantilização da economia, fatos que levaram ao aumento dos serviços associados ao comércio, bem como a diversificação da oferta de serviços de toda sorte, com destaque para os serviços pessoais, praticamente inexistentes no período anterior.

Como pôde ser observado no gráfico 15 o setor terciário aumenta sua participação no PIB chinês enquanto o secundário se mantém entre 41 e 48% que, apesar de não sofrer grandes mudanças como os demais setores ainda é o setor que mais tem participação no PIB chinês, sendo de grande importância para a economia do país. Sendo assim, depois da Reforma Econômica de 1978 até os dias atuais os setores mais dinâmicos da economia chinesa passaram a ser o terciário, pois a grande saída de pessoas do campo indo para as cidades aumentou a oferta e prestação de serviços na China, e o secundário, sendo este último o setor mais competitivo do país.

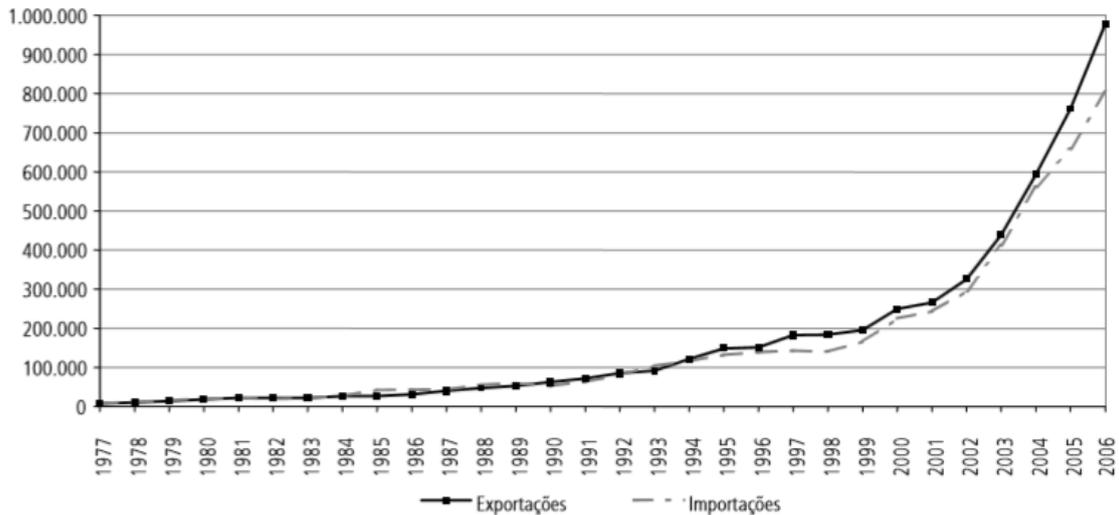
Com essa nova dinâmica da sua economia a China passou a produzir e exportar novos produtos, competir com países que antes não competia e a adentrar novos mercados.

O gráfico 16 mostra a evolução das exportações e importações da China em milhões de dólares desde 1977 até o ano de 2006.

Gráfico 16

**China: exportações e importações**

(Em US\$ milhões)



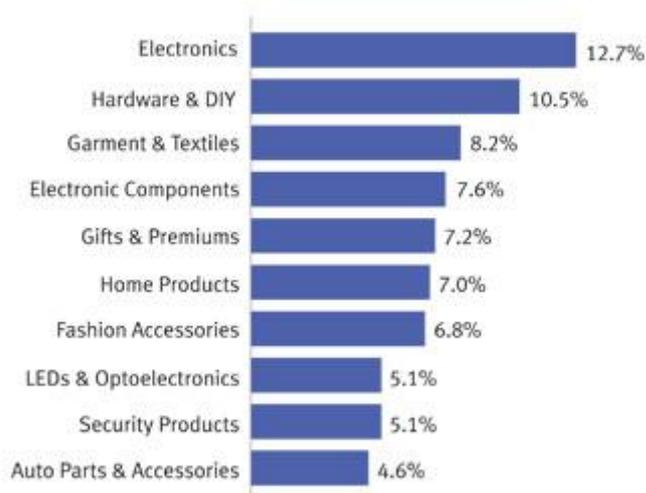
Fontes: OMC e NBS.

Nota-se que depois de 2001, quando a China entra na OMC e é incorporada ao mercado internacional, as exportações do país começaram a crescer significativamente passando de cerca de US\$ 250.000 em 2000 para quase US\$ 1.000.000 em 2006.

É importante lembrar que a quantidade de importações de um país também diz muito sobre o crescimento de sua economia, pois com a expansão cresce a necessidade de importar. Pelo gráfico 16 é possível perceber que juntamente com o aumento das exportações chinesas houve o aumento de suas importações.

Diante da grande importância das exportações chinesas para a emergência da economia do país analisaremos os principais setores de exportação da China e para quais países e regiões o país exportou em diversos períodos de tempo.

O gráfico abaixo (gráfico 17) mostra quais setores da indústria chinesa mais exportaram no ano de 2011, sendo clara a maior participação da exportação de eletrônicos. Como já dito, nos últimos anos a China aumentou sua exportação de produtos com alta intensidade tecnológica, como é o caso de produtos eletrônicos.

Gráfico 17<sup>5</sup> - exportações chinesas de setores da indústria selecionados – 2011.

Na tabela 8 é possível comparar as exportações de 7 grupos de produtos chineses em 1997 e 2009, notando que houve um aumento da porcentagem de exportação dos dois primeiros grupos de produtos (peças, equipamentos e máquinas elétricas e máquinas e aparelhos mecânicos) e do quinto (aparelhos e instrumentos ópticos, fotográficos e de precisão), enquanto os demais sofreram queda.

Tabela 8<sup>6</sup>

#### Major export products as share of China's total exports, by value (%)

Product	1997	2009
Electrical machinery, equipment & parts	13.4	25.1
Machinery and mechanical appliances	7.5	19.6
Non-knitted or crocheted apparels	9.3	3.9
Knitted or crocheted apparels	6.4	4.5
Optical, photographic and precision instruments and apparatus	2.2	3.2
Footwear	4.7	2.3
Toys, games and sports equipment	4.1	2.2

Source: China Customs

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.globalsources.com/NEWS/China-supplier-survey-Labor-shortage.html>>. Acesso em: 6 de abril de 2016.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://economists-pick-research.hktdc.com/business-news/article/Economic-Forum/Mainland-Taiwan-and-Hong-Kong-towards-greater-industrial-cooperation/ef/en/1/1X000000/1X06YVB4.htm>> Acesso em: 6 de abril de 2016.

A tabela 9 mostra as exportações chinesas em milhões de dólares para três regiões de países selecionadas; Mercosul, Nafta e Aladi em 2008, 2010 e 2012. Sendo a região que engloba os países do Nafta a que mais recebeu produtos chineses nos três períodos analisados.

Tabela 9<sup>7</sup>

**Exportações Chinesas em Milhões de Dólares**

	China			Var.(%)
	2008	2010	2012	2012/2008
<b>Regiões selecionadas</b>	328.755	373.743	485.402	47,6
Mercosul	25.468	32.678	44.476	74,6
Nafta	286.466	320.497	404.655	41,3
Aladi	16.822	20.569	36.270	115,6
<b>Demais Regiões</b>	1.085.675	1.179.984	1.535.026	41,4
<b>Total</b>	<b>1.414.430</b>	<b>1.553.727</b>	<b>2.020.428</b>	<b>42,8</b>

Fonte: Elaboração Própria a Partir dos Dados da Comtrade.

A partir dos dados apresentados vemos que o setor secundário teve e ainda tem grande importância para o crescimento da economia chinesa que depois de 1978 passou a exportar seus produtos para todo o mundo ganhando competitividade no mercado mundial e se tornando referência em termos de crescimento econômico acelerado e avanço tecnológico.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2013/09/30/concorrenca-das-exportacoes-industriais-chinesas-para-destinos-das-exportacoes-brasileiras/>>. Acesso em: 5 de abril de 2016.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise das informações e dados apresentados é possível concluir que ao longo do período analisado, de 1949 até 2012, a China passou por profundas transformações políticas – especialmente após a morte de Mao Tsé-Tung e a entrada de Deng Xiaoping na liderança chinesa – e principalmente transformações econômicas, em especial após o ano de 1978 a partir das Reformas Econômicas. Tais reformas foram extremamente relevantes para a mudança da economia da China que, com cautela e objetivos bem traçados, iniciou um processo de transformação e modernização desde o campo até as indústrias. Em um curto período de tempo, esse processo trouxe ótimos resultados à economia do país, que cresceu em ritmo impressionante desde 78, chegando a uma média de crescimento do Produto Interno Bruto de 10% ao ano na década de 90, em grande parte, graças ao Estado intervencionista.

Dizer que a China teve uma “ascensão pacífica”, crescendo economicamente sem abalar a ordem mundial é, em parte, verdade, pois o país tratou de transformar-se internamente e se desenvolver sem afetar a paz mundial. Todavia, a partir de sua abertura comercial para o mercado externo o país agitou a ordem internacional e modificou completamente o cenário econômico e a dinâmica do equilíbrio de poder mundiais, protagonizando uma disputa hegemônica com os Estados Unidos. A tendência é a manutenção dessa disputa, visto que a China tende a crescer cada vez mais e conquistar mais mercados, como já vem fazendo.

Dada a importância da abertura comercial para o crescimento econômico da China, o setor secundário foi o que mais teve, e ainda tem, participação nas exportações chinesas. Como setor principal para a economia do país este se viu crescer ainda mais após a entrada da China na OMC, que sem dúvidas foi fator importante para o aumento da participação da China no comércio mundial e conseqüentemente para uma maior internacionalização de seus produtos e aumento de sua competitividade.

Sobre os mercados da América Latina e África, pode-se dizer que existe uma cooperação com a China, mas que os interesses chineses pela compra de alimentos e *commodities* energéticas se sobressaem aos interesses dessas regiões que possuem menos influência comparadas a China, já que esta hoje é considerada a segunda maior potência econômica mundial. Claro que o benefício das trocas comerciais não é apenas chinês, já que as outras duas regiões também são emergentes e necessitam de parceiros comerciais para comprarem seus produtos a fim de também crescerem economicamente, mas toda essa cooperação e vínculo comercial entre os mercados emergentes do Sul pode acabar gerando uma dependência dessas

duas regiões com a China, já que há grande demanda vinda do país pelos produtos latino-americanos e africanos do setor primário. Além disso, a grande ascensão chinesa pode acabar dificultando o avanço tecnológico e a produção e exportação de produtos com alta intensidade tecnológica pelos países dessas regiões, pois com o grande crescimento do setor secundário da economia chinesa esses dois mercados em ascensão perdem espaço no mercado mundial para a China que compra seus produtos primários para produzir suas tecnologias e ganhar espaço no mercado externo.

Este trabalho buscou assim analisar o crescimento econômico chinês principalmente a partir das Reformas Econômicas de 1978 e como as consequências positivas desse processo tornaram capaz a inserção da China nas relações econômicas internacionais e consequentemente seu crescimento econômico e lugar de destaque na economia mundial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Gabriela Granço do. **A “Ascensão Pacífica” na evolução da diplomacia chinesa nas últimas décadas**. V. 6, n. 1, p. 71-94. Marília: Aurora, Jul.-Dez., 2012

ARRIGHI, Giovanni. **O desafio da “ascensão pacífica”**. In:\_\_\_\_\_. **Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2008. Cap 10, p. 285-315.

CARMODY, Pádraig. OWUSU, Francis. **A expansão da China para a África: interesses e estratégias**. In: LEÃO, Rodrigo Pimentel Ferreira. PINTO, Eduardo Costa. ACIOLY, Luciana (Org.). **A China na nova configuração global: impactos políticos e econômicos**. Brasília: Ipea, 2011.

CARVALHO, Miguel Henriques de. **A economia política do sistema financeiro chinês (1978-2008)**. Rio de Janeiro, 2013.

**China e América Latina: encontro de interesses**. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/BRICs/china.pdf>>. Acesso em: 1 de abril de 2016.

CINTRA, Marco Antônio Macedo. PINTO, Eduardo Costa. **China em transformação: transição e estratégias de desenvolvimento**. Rio de Janeiro, 2015.

CINTRA, Maria Rita V. Paganini. **A presença da China na América Latina no século XXI – suas estratégias e o impacto dessa relação para países e setores específicos**. Rio de Janeiro, 2013.

CORSI, Francisco Luiz. **A crise do capitalismo global**. In: PAULINO, Luís Antônio. PIRES, Marcos Cordeiro (Org). **Nós e a China: o impacto da presença chinesa no Brasil e na América do Sul**. São Paulo: LCTE Editora, 2009. Parte I, cap. 1, p. 21-33.

CUNHA, Samantha Ferreira. XAVIER, Clésio Lourenço. **Fluxos de investimento direto externo, competitividade conteúdo tecnológico do comércio exterior da China no início do século XXI**. Disponível em:< [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31572010000300008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572010000300008) >. Acesso em: 2 de março de 2016.

HUGUENEY, Clodoaldo. **Prefácio**. In: LEÃO, Rodrigo Pimentel Ferreira. PINTO, Eduardo Costa. ACIOLY, Luciana (Org.). **A China na nova configuração global: impactos políticos e econômicos**. Brasília: Ipea, 2011.

LOBO, Carlos Eduardo Riberi. **A República Popular da China e a trajetória de suas forças armadas**. PUC/SP, 2006.

LYRIO, Maurício Carvalho. **A ascensão da China como potência: fundamentos políticos internos**. Brasília: FUNAG, 2010.

MARCHIONATTI, Wilson. **China: velho e novo império**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

MAZIERO, Gilmar. COELHO, Diego Bonaldo. **A política industrial chinesa como determinante de sua estratégia going global**. Revista de Economia Política, vol. 34, nº 1 (134), pp. 139-157. Janeiro-março/2014

MEZZETTI, Fernando. **De Mao a Deng**. In:\_\_\_\_\_. **Um país em transformação**. Brasília: Universidade de Brasília, 2000. Cap. XXIII, p. 341-362.

MEZZETTI, Fernando. **De Mao a Deng**. In:\_\_\_\_\_. **O despertar**. Brasília: Universidade de Brasília, 2000. Cap. XXIV, p. 363-378.

MEZZETTI, Fernando. **De Mao a Deng**. In:\_\_\_\_\_. **O avanço das reformas**. Brasília: Universidade de Brasília, 2000. Cap. XXV, p. 379-393.

MILANI, Carlos R. S. CARVALHO, Tassia C. O. **Cooperação Sul-Sul e Política Externa: Brasil e China no continente africano**. Estudos internacionais. V. 1 n. 1, p. 11-35 jan-jun 2013.

MOREIRA Jr, Hermes. FIGUEIRA, Mauro Sérgio. **O Banco dos BRICS e os cenários de recomposição da ordem internacional**. Boletim Meridiano 47. Vol. 15, n. 142, p. 54 a 62. mar.-abr. 2014.

NONNENBERG, Marcelo Braga. LEVY, Paulo Mansur. DE NEGRI, Fernanda. DA COSTA, Katarina Pereira. **O crescimento econômico e a competitividade Chinesa**. Rio de Janeiro: Ipea, 2008.

PIRES, Marcos Cordeiro. **A estratégia de modernização da China como expressão de um modelo asiático**. Marília, 2010.

PIRES, Marcos Cordeiro. **Os desafios da concorrência chinesa para a economia brasileira**. In: PAULINO, Luís Antônio. PIRES Marcos, Cordeiro (Org.). **Nós e a China: o impacto da**

presença chinesa no Brasil e na América do Sul. São Paulo: LCTE Editora, 2009. Parte II, cap. 3, p. 95-116.

POCHMANN, Márcio. **Apresentação**. In: LEÃO, Rodrigo Pimentel Ferreira. PINTO, Eduardo Costa. ACIOLY, Luciana (Org.). **A China na nova configuração global: impactos políticos e econômicos**. Brasília: Ipea, 2011.

SERRA, Eduardo Gonçalves. **Considerações sobre os impactos da entrada da China na OMC**. Política Externa (USP), v. 11, p. 16-25, 2003

SHENKAR, Oded. **O século da China: a ascensão chinesa e o seu impacto sobre a economia mundial, o equilíbrio do poder e o (des) emprego de todos nós**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

SPEKTOR, Matias. NEDAL, Dani (Org.). **O que a China quer?**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

THORSTENSEN, Vera. **A China como membro da OMC e líder das exportações mundiais: desafios e oportunidades para o Brasil**. São Paulo, 2010.

TORRES FILHO, Ernani Torres. **Japão: Da industrialização tardia à globalização financeira**. In: José Luís Fiori. (Org.). **Estados e moedas no desenvolvimento das nações**. Petrópolis: Vozes, 1999. P. 223-250.

VIEIRA, Flávio Vilela. **China: crescimento econômico de longo prazo**. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31572006000300005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572006000300005)>. Acesso em: 2 de março de 2016.